

Organização

Alexandre Medeiros, Enio Starosky & Jean Lauand

Aida Hanania
Alexandre Medeiros
Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand
Miwa Hirose
Silvia M. Gasparian Colello

Cemoroc: *Signatures* – vol. 2

– estudos em homenagem a Aida Hanania, Helmi Nasr e Sílvia Colello

Cemoroc – ColégioLuterano São Paulo –

Centro de Estudos Júlio Verne

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e
celebrando os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022
Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University
Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Medeiros, Alexandre; Starosky, Enio; Lauand, Jean (Org.)
Cemoroc: *Signatures* vol. 2; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-35880-3

1. Educação 2. Filosofia 3. Filosofia da educação I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Apresentação	05
Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário	
<i>Aida Hanania & Jean Lauand</i>	07
Aida Hanania – a fidalguia na universidade	
<i>Jean Lauand</i>	15
A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello	
<i>Jean Lauand</i>	25
Produzir conhecimentos na escola: significados e sentidos do Projeto <i>Coepta</i>	
<i>Silvia M. Gasparian Colello</i>	35
Metodologia Humanista e Humanitária: descrição do projeto Cidade Educadora como práxis educativa	
<i>Alexandre Medeiros</i>	43
A chuva, os átomos e o ser	
<i>João Sérgio Lauand</i>	51
Ausência (oni)presente	
<i>Enio Starosky</i>	55
Beatriz Balzi, pianista e educadora, na imprensa escrita brasileira	
<i>Miwa Hirose & Chie Hirose</i>	63

Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos este volume II de “Cemoroc: *Signatures*”, em homenagem à memória de um grande expoente mundial dos estudos árabes, Helmi Nasr, que muito colaborou com o Cemoroc, desde a nossa pré-história. E em homenagem à nossa fundadora, Aida Hanania, e a incansável colaboradora de primeira hora, Sílvia Colello, ambas importantes diretoras de nosso Centro.

Para expressar nossa profunda gratidão ao Prof. Nasr, pouco antes de regressar a sua terra natal, após 53 anos de Brasil, organizamos em junho de 2015, um evento – que, felizmente, contou com sua ilustre presença – o “III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe – homenagem ao Prof. Dr. Helmi Nasr” (matéria do Jornal da USP em http://espaber.uspnet.usp.br/jor_osp/?p=42727) em que seus alunos quisemos homenageá-lo com um livro (<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>), cujos capítulos pudessem retratar um pouco de nossa experiência intelectual/acadêmica e muito de nossa emoção e do privilégio de tê-lo tido por tantos anos como nosso mestre e guia para o aprimoramento dos Estudos Árabes em nosso meio.



Aida Hanania, Profa. Titular da Fflchusp e fundadora do Curso de Pós-Graduação de Língua, Literatura e Cultura Árabes dessa faculdade, foi também uma das fundadoras do Cemoroc – desde sua pré-história no Centro de Estudos Árabes da USP. Atualmente, é nossa Diretora de Relações Internacionais. Em sua homenagem, foi dedicado nosso “XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação - Orientes: Próximo, Médio e Extremo” (www2.fe.usp.br/%7Ecmemoroc/page07u.html), em 2019.

Sílvia Gasparian Colello, Profa. Livre Docente da Feusp, é referência obrigatória nos temas Alfabetização, Leitura, Escrita e Letramento. É Diretora Acadêmica do Cemoroc, além de fundadora e Editora Chefe do Projeto *Coepta*, que promove a publicação de jovens autores pré-universitários em revistas internacionais de nosso Centro. Em sua homenagem dedicamos o “XIX Seminário Internacional

Cemoroc Filosofia e Educação - Circunstância e Inovação”, em 2018 (<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07i.html>).



Aida Hanania e Sílvia Colello, homenageadas em nossos Seminários Internacionais (2018 e 2019)

Os textos que compõem este volume são, inicialmente, uma memória escrita por ocasião do 100º. aniversário de Helmi Nasr. E as conferências que celebraram as homenageadas em nossos Seminários Internacionais de 2019 e 2018. A seguir, o estudo de Sílvia Colello sobre o inovador projeto Editorial “Produzir conhecimentos na escola: significados e sentidos do Projeto Coepta”.

As homenagens de nossos diretores (e de nossa Pesquisadora Visitante) são expressas nos seguintes artigos, recolhidos para compor esta coletânea.

Alexandre Medeiros escreve – especialmente para este volume – um relato de uma experiência paradigmática, nos padrões “Cidade Educadora”, levada a cabo no colégio do qual ele é diretor. João Sérgio Lauand, em conferência em evento do Cemoroc, discute diferentes visões de resultados da Física contemporânea. Enio Starosky, em “Ausência (oni)presente”, retoma o tema do sofrimento e a – sempre atual – figura de Jó. Miwa e Chie Hirose revisitam a notável pianista e educadora Beatriz Balzi e o impacto de sua arte no Brasil, país que adotou.

A celebração dos 25 anos das publicações do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com aniversários marcantes de duas instituições de ensino, com estreitos laços com nosso Centro: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021). Ocorre que os diretores desses destacados colégios, são membros da Diretoria do Cemoroc e organizadores deste livro: Enio Starosky (do Luterano) e Alexandre Medeiros (do Júlio Verne). Assim, por feliz coincidência, as homenagens deste livro tornam-se também celebração para essas instituições.

Jean Lauand
(p./ orgs.)

Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário

Aida Hanania¹
Jean Lauand²

Resumo: O artigo traz elementos para a história do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, especialmente do curso de Língua e Literatura Árabe, fundado em 1962 pelo Prof. Dr. Helmi Nasr. As publicações do Centro de Estudos Árabes do DLO viriam a dar origem ao Cemoroc.

Palavras Chave: Estudos Árabes. Universidade de São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

Abstract: The article is on the early history of the Department of Eastern Studies of the University of São Paulo, focusing especially on the course of Arabic Language and Literature, founded in 1962 by Professor Helmi Nasr. The publications of the Centro de Estudos Árabes of FFLCHUSP are (in) the pre-history of Cemoroc.

Keywords: Arabic Studies. University of São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

Em 26 de novembro de 2019, faleceu no Cairo, o Prof. Dr. Helmi Mohamed Ibraim Nasr (nascido em 22/3/1922) que, em 1962, fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

Nesta edição, o artigo de Aida Hanania sobre os estudos árabes nas revistas do Cemoroc, já recorda também as ligações fundacionais do Cemoroc com o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP, o que remete necessariamente ao Prof. Nasr. Ao celebrar os 25 anos de nosso Cemoroc, que tanto deve ao Mestre, a imensa saudade nos leva naturalmente a lembrar a longa e exitosa trajetória que construiu em nosso país. E é com emoção que nos sabemos privilegiados por termos desenvolvido grande parte de nosso percurso acadêmico e profissional ao lado do mestre e estimulados por ele.

Sua dedicação constante e seu apoio incondicional a todas as iniciativas que pudessem ampliar o conhecimento da Língua, da Literatura e da Cultura Árabes, como o foram a “Semana de Cultura Árabe”(1986) a criação da *Revista de Estudos Árabes* do Centro de Estudos Árabes (1993 a 1995), da *Revista de Estudos Orientais* (1997 a 1999) – dentre muitas, igualmente relevantes – redundaram no estímulo fundamental à criação do Cemoroc, que tanto lhe deve.

Para expressar nossa profunda gratidão, pouco antes de regressar a sua terra natal, após 53 anos de Brasil, organizamos em junho de 2015, um evento – que, felizmente, contou com sua ilustre presença – o “III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe – homenagem ao Prof. Dr. Helmi Nasr” (matéria do Jornal da USP em http://espaber.uspnet.usp.br/jor_osp/?p=42727) em que seus alunos quisemos homenageá-lo com um livro (<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>), cujos capítulos pudessem retratar um pouco de nossa experiência intelectual/acadêmica e muito de nossa emoção e do privilégio de tê-lo tido por tantos anos como nosso mestre e guia para o aprimoramento dos Estudos Árabes em nosso meio.

¹. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. aida.hanania@gmail.com

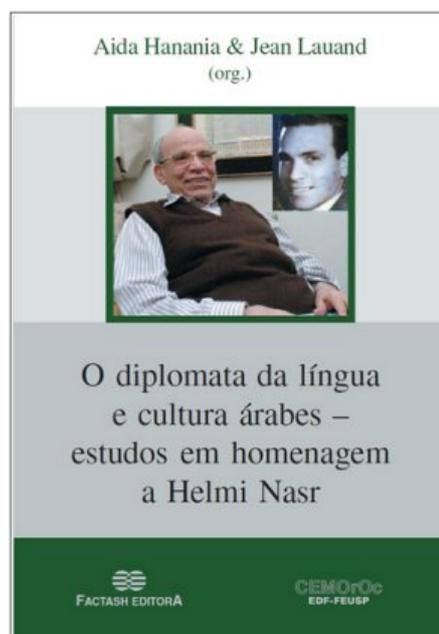
². Prof. Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br



H. Nasr no III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe, 8-6-15



Prof. Nasr e Roseli Fischmann



<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>

Em 2022, celebramos duas importantes datas redondas, em torno deste personagem, marco fundacional dos estudos árabes entre nós: o 100º aniversário do professor Helmi Nasr, que exatos 60 anos antes fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.



Aida Hanania, HN e Rui Josgrilberg

A USP era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver grandes mudanças econômicas e culturais. Naqueles anos, o clima era de efervescência de desenvolvimento econômico; com a Novacap, como então era chamada Brasília, e o Brasil se afirmando nos esportes: bicampeão mundial de futebol (e pela primeira vez podíamos ver os jogos, horas depois, em video-tape; a copa de 58, só foi acompanhada pelo chiado do rádio...); bicampeão mundial de basquete; as brilhantes conquistas de Maria Esther Bueno (o tênis, um esporte quase desconhecido); Éder Jofre, o “galo de ouro”. Em 1962, Palma de Ouro em Cannes com “O pagador de promessas”; o boom da bossa nova, “Garota de Ipanema” foi composta em 1962; a consagração internacional de Oscar Niemeyer.

A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Bento Prado Júnior, Décio de Almeida Prado, Egon Schaden, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Francisco Weffort, João Cruz Costa, José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, Milton Santos, Octavio Ianni, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda... Boa parte dos estudantes iam para a aula na Maria Antonia, de bonde aberto, rangendo para subir a Angélica, com o cobrador, com uma das mãos recheada de notas dobradas entre os dedos, fazendo incríveis malabarismos para não deixar ninguém saltar sem pagar.

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos, talvez comerciantes da 25 de março e residiam no bairro do Paraíso. Comida árabe, só a da mãe ou da avó; havia raríssimos restaurantes árabes (Almanara, Bambi, Brasserie Victoria e uns poucos mais...) e duas ou três casas de esfiha e quibe nas imediações da Catedral Ortodoxa da Vergueiro. Nem em sonho a profusão de hoje, em que temos quase cem grandes lojas em São Paulo, para falar só de uma rede.

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiro-mundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH (em 2002 houve uma greve de quase quatro meses para arrancar alguns claros), ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula.

Nesse contexto, para que se possa avaliar a grandeza de Helmi Nasr e de sua contribuição para a FFLCHUSP, retomaremos uma histórica entrevista, publicada no No. 6 de nossa revista *Collatio* (<http://hottopos.com/collat6/nasr.htm>), na qual o próprio Prof. Nasr nos fala sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de 'Ayn ash-Shams. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo. Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos.



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: "Eu quero começar". Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive sozinho durante os primeiros sete anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-

Murr, Jorge Sáfady, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Mas, naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 4 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e impecável elegância do professor recém-chegado “das “Arábias”. Disfarçávamos o riso com as dificuldades que, então, ele tinha com o português: ao avisar os alunos que não haveria adiamentos para a data de entrega de tal trabalho, dizia: “Não tem escapamento!”. Ou, ao comentar a enorme quantidade de templos muçulmanos: “No Cairo, temos muitíssimos mosquitos” etc. Aliás, aí temos todo um folclore dos professores de orientais daquela época. Como quando a esposa de um deles, passando slides da obra do marido, um notável pintor, referia-se constantemente a seu *marchand*, dizendo: “Este é o *machão* de meu marido...”.

Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas “*manôplas*” (manobras) de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele, após todos esses anos, é a de um franco sorriso, de um otimismo que por nada se deixa abater e de uma paternal generosidade.

Cedo aprendemos, por exemplo, que nunca deveríamos elogiar nada de sua grandiosa hospitalidade: seguindo a tradição de seus ancestrais, se se diz, por exemplo: “Professor, que bela gravata!” ele imediatamente obriga o incauto a levar a peça de presente. Uma vez, fomos assaltados ao estacionar em frente à sua casa para uma reunião. Chegamos a seu apartamento trêmulos, sob o impacto de termos estado sob a mira de uma arma etc. Ele, serenamente, exatamente na linha dos também ancestrais contos árabes, celebrando a hospitalidade que nos ensinava nas aulas, tranquilizou-nos e quando informado de que o ladrão tinha nos levado x, obrigou-nos a levar 5x!

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudios Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma

verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos: “Nidinyah, não podemos interromper este trabalho!”, dizia à esposa, a saudosa Dra. Nida Gattaz Nasr (também professora – de espanhol – da FFLCH e falecida em 2007).



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6, 65) de que Allah pode castigar “por cima ou por baixo” (descendo fogo como em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó) ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra impressionante profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143, 142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

Para o árabe, a palavra *tariq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas (mesma acumulação semântica do *way* inglês). O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho... o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seito grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Aida Hanania – a fidalguia na universidade

Jean Lauand³

Resumo: Notas da conferência de abertura do *XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação* (27-2 a 7-3-19), evento em homenagem à Profa. Dra. Aida Hanania.

Palavras Chave: Aida Hanania. Estudos árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the *XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação*, conference in homage to Professor Aida Hanania.

Keywords: Aida Hanania. Arabic Studies. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Meu contato com o curso de árabe da Fflchusp

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2019 é Aida Hanania, Professora Titular aposentada do Departamento de Letras Orientais da Fflchusp.

Fundadora do Cemoroc (e de seu predecessor o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP), Aida sempre esteve à frente de importantes iniciativas editoriais, de eventos e de extensão de nosso Centro. A ela muito devemos, especialmente nos contatos internacionais e na projeção editorial, desde a fundação até hoje. Neste artigo, tratarei especialmente da relação de Aida Hanania com o Cemoroc, deixando para estudo de outro colega a análise de seus livros e de outros detalhes de sua carreira acadêmica.

Conheci a Profa. Aida em 1990, em uma condição privilegiada, que me foi propiciada pelo lendário Prof. Helmi Nasr. Nesse ano, eu tinha começado a cursar, como ouvinte, as matérias de língua e literatura árabe da Fflchusp, ministradas pelo fundador do curso, o Prof. Nasr, e desde a primeira aula, surgiu uma empatia e amizade que, ao longo do tempo – e até hoje – só iria crescer. Nasr, talvez já pensando em integrar-me à equipe do futuro curso de Pós, além das aulas regulares a que eu assistia, encarregou a Profa. Aida de me dar aulas particulares na própria Fflch.

Neto de libaneses e professor de Filosofia e História da Educação na Feusp, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos sobre a cultura árabe e resolvi ir à Fflch. Eu já tinha tido a experiência de cursar a Politécnica e a Matemática da USP (na qual me formei). A Poli, para alguém vocacionado para Humanas, foi um erro de adolescente que gostava de matemática. A matemática foi minha interface para a Filosofia. Cheguei a começar um mestrado em Álgebra Linear que, felizmente, troquei pela carreira em Filosofia da Educação.

Como professor doutor e beirando os 40 anos, a experiência de cursar árabe como aluno foi deliciosa. Por um lado, resgatar a experiência básica de estudante: conjugar verbos em voz alta junto com a classe, chamada oral, lição de casa, convívio com os colegas, pão de queijo na cantina no intervalo... Com minhas próprias dificuldades em alfabetizar-me em árabe, meu respeito pelos alfabetizando brasileiros

³. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

creceu muito: ainda hoje quando no noticiário da TV aparece alguma legenda em árabe, tenho que dar um “pause” para vagarosamente tentar decifrá-las. Aprendemos de cor alguns textos: a *fatiha* do Alcorão e algumas poesias da *jahilyiah*, entre outros.

O ambiente era um capítulo à parte: de um lado, o prédio da Letras; do outro, o da Filosofia e Ciências Sociais; no meio, a lanchonete, uma pororoca compartilhada por ambas as tribos, muito diferentes. Caricaturizando, os alunos da filosofia e sociais eram de cara amarrada, como compete a intelectuais responsáveis pela erradicação da ditadura; os da letras, encarnavam o mesmo ideal antiditadura, mas de um modo um tanto hippie, “bicho-grilo” (como se dizia na época), descontraído, colorido e alegre. Era interessante notar o faro sociológico dos garotos pedintes da favela adjacente à USP: concentravam-se todos do lado da Letras (onde recebiam dinheiro e lanches em abundância) e nem ousavam pedir aos intelectuais do outro lado...

Nas turmas das classes de árabe, em geral em torno de uma dúzia de alunos, havia de tudo: uma idosa que frequentava simultaneamente (com aproveitamento duvidoso) inúmeros cursos da Letras; uma mocinha ardorosamente apaixonada pelo Emir do Kuwait, Jaber Al-Ahmad Al-Sabah; um muçulmano que protestava contra as mini saias das colegas etc. Durante o Ramadã, todos combinávamos – em respeito aos colegas muçulmanos – de não comer nem beber nada nas aulas: nem chiclete ou balinhas, nem mesmo água.

Ainda havia naquele tempo grandes professores, de elevada estatura humana e intelectual, como Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Boris Schnaiderman, Davi Arrigucci, Ítalo Caroni, Massaud Moisés...; alguns deles viriam a colaborar muito com o Cemoroc: María Concepción Piñero Valverde, Mario Bruno Sproviero, Pedro Garcez Ghirardi e, claro, Helmi Nasr e Aida Hanania.

A Letras era, para mim, um laboratório antropológico: cursar árabe, grego e hebraico era uma experiência muito interessante; parafraseando McLuhan, “o modo era a mensagem”, cada curso como que seguia o estilo próprio do tema: as aulas de grego eram dadas de acordo com a racionalidade *logos* grega; as de árabe, mais soltas, de acordo com o *ma’na*... Afinal, em árabe a palavra para designar esquisito, excêntrico, exótico é *garyb*, que também significa ocidental...

Aida era o equilíbrio. Como o Líbano, o encontro e a harmonia da conjunção do melhor de dois mundos: o Oriente e Ocidente. Apaixonada pela França, fez o mestrado e o doutorado em Literatura francesa: sobre o teatro de Georges Schehadé, autor libanês que vivia alternadamente na França e no Líbano. Aida viria a fazer um estágio de aperfeiçoamento em Paris, em 1982, em preparação para o doutorado. Já para a livre docência seu tema foi a Caligrafia Árabe; para o concurso de Titular, o papel da imagem para a tradição árabe islâmica.

Disorientamento: em meio à barbárie

Domenico de Masi, em recente entrevista a Roberto D’Avila (2/1/2019), diagnosticando os problemas de nosso tempo, insiste, uma vez mais, que a sociedade padece de um mal próprio, que é sua condição fundamental: a desorientação. Todas as sociedades anteriores, bem ou mal, nasceram com base em um projeto teórico prévio; a nossa, a da transição da sociedade industrial para a pós industrial, carece de referências: simplesmente surgiu e está aí, sem um projeto, sem objetivos. “E, assim, sem um modelo de referências, é difícil dizer se uma coisa é bela ou feia, se um quadro de Picasso ou Pollock é bonito ou feio, se um telejornal fala a verdade ou mente (...). Na Itália, ficamos debatendo por 14 anos, para decidir se uma jovem que estava em coma deveria ser considerada morta ou viva!! Não sabemos como tomar

nossas decisões e não sabemos como julgar as coisas”. (<https://www.youtube.com/watch?v=NgtAu2LONFg>)

Na contramão dessa sociedade desorientada, Aida Hanania sabe muito bem tomar decisões, como julgar as coisas, discernir o verdadeiro do falso, o bem do mal, o belo do feio. Sabe distinguir os valores e vivê-los. Essa rara qualidade é o que antigamente se chamava de distinção, uma pessoa distinta, o que nada tem que ver com dinheiro, grifes etc. (na verdade, nada é menos distinto do que o filisteísmo do novo rico...). É lhe conatural a classe, a elegância, a *finesse*, o bom gosto, o decoro (no sentido de que as coisas estejam adequadas), tudo isso com a, também conatural, simplicidade (selo de credibilidade da verdadeira nobreza), a anos luz de qualquer afetação ou esnobismo.

Na mesma linha de De Masi, Julián Marías, na famosa conferência “A Moralidade Coletiva” (Madri, 1998), também aponta a desorientação como principal mal de nosso tempo. Não é, diz ele, que nossa sociedade seja mais imoral do que em outros tempos, não! “o que acontece realmente é que se trata de uma época de muita desorientação. Há muitas pessoas que na realidade não sabem bem a que se ater”

E imediatamente junta algo extremamente importante para nossa análise: com o “*no saber a qué atenerse*”, o império do vulgar leva ao desgaste ou até à perda semântica das palavras que indicavam refinamento:

Há um exemplo curioso dentre os sempre interessantes deslocamentos linguísticos. Antigamente, por exemplo, usava-se a palavra “honrado”, hoje praticamente fora de uso e a honradez era uma virtude que geralmente se estimava. A palavra “honesto” se aplicava, comumente, mais para as coisas de tipo sexual. Por influência do inglês - o inglês é uma língua que atua enormemente sobre os que não a sabem; os que a sabem percebem esses detalhes, mas os que não sabem inglês (que são multidão) sofrem uma influência do inglês -, e como em inglês *honest* é antes honrado (é a tradução mais aproximada - todas as palavras de estimacão são muito difíceis de traduzir: como se diz “*fidalgo*” em outra língua? E *gentleman*...?), mas certamente há o sentido primário de *honest*, que é “honrado”, “sincero” etc. Agora, então, emprega-se “honesto” (em vez de honrado). E “honrado” está esquecida, é uma palavra que se usa pouco, para não falarmos da palavra “honra”, essa sim que quase já saiu de uso embora seja a mais importante. E isso afeta à situação da moral...

(www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm)

Quando o ordinário torna-se o padrão, caem em desuso ou perdem sua força palavras como honradez, decência, fidalguia, *gentleman*...

Para caracterizar a Profa. Aida Hanania, fidalguia parece-me a palavra mais adequada. Aliás o seu “lema”, como pessoa, professora e chefe do Departamento, é: “que as coisas estejam adequadas!” Insisto: não se trata de *status* ou dinheiro, mas de uma qualidade do ser: “*grandes dames*” são Catherine Deneuve, Bibi Ferreira ou Fernanda Montenegro, mas também Dona Ivone Lara ou a divina Elisete Cardoso. Parafraseando Riobaldo: “Nobreza – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa”.

A etimologia da palavra fidalgo, todos sabem, é filho de algo (e não de um zé ninguém...). Mas, o *algo*, por sua vez, traz suas surpresas: algo vem do latim: *aliud quid*, outro “quê” ou, o que é o mesmo, “outra coisa”. O que deixa de surpreender-nos

quando lembramos que nós mesmos dizemos: “gente fina é *outra coisa*”. Claro que fidalguia não tem que ver com dinastias nobiliárquicas (embora toda a família Hanania seja uma aristocracia da inteligência...), mas ser outra coisa em relação à grosseria vigente e onipresente.

Com naturalidade e sem nenhuma afetação, a fala de Aida é de total correção (a gramática, a adequação e riqueza do léxico são-lhe conaturais), nesses 30 anos nunca ouvi dela uma única gíria ou um palavrão (embora em algumas situações da vida acadêmica nós outros estivéssemos convencidos de que o palavrão fosse não só oportuno, mas necessário – lembro-me muito bem que até o Papa Francisco já deixou escapar um, aqui no Brasil...).

Fidalguia é – ao contrário do que pensam e praticam os “bacanas babacas” (desculpem, esta foi só dar uma “zoada” em nossa homenageada) – não humilhar os menores (um subordinado, um aluno...), mas valorizá-los e tratá-los com deferência...

Fidalguia e anfitriãoia. Graças à Aida nunca tivemos problemas em receber os muitos convidados estrangeiros do Cemoroc nestes anos: fluente em diversas línguas (e com os requintes de finura de cada uma delas...) e fluente em acolhimento, generosidade e bom gosto, Aida tem liderado com maestria nosso relacionamento internacional, como detalharei um pouco nos próximos tópicos.

Um episódio ilustrativo, entre tantos... Em 2003, um dos mais ilustres intelectuais europeus, o catalão Dr. Pere Villalba, parceiro de primeira hora do Cemoroc, vinha visitar-nos no Brasil e manifestou seu desejo de passar um dia em uma aldeia indígena (!). Cerca de um mês antes, lá fomos Aida e eu visitar a aldeia guarani de Parelheiros (Aldeia *Tonendé Porã*) para conversar com o cacique sobre essa possibilidade (que viria a concretizar-se no mês seguinte).

Sabíamos que a aldeia era muito pobre (miserável mesmo) e Aida quis levar alguns presentes: não só de farta cesta básica, mas também doces refinados, para que aquelas crianças pudessem – ao menos uma vez – experimentar algo diferente.



Nem é preciso dizer que o professor catalão foi muitíssimo bem recebido pelos guaranis. Em profundo artigo de reflexão antropológica e filosófica “Ará – Índia guaraní” (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>), ele mesmo descreve sua experiência com nossos indígenas.



A pré história do Cemroc: o Centro de Estudos Árabes da FFLCH

Em 1992, num Congresso realizado na USP por ocasião do quinto centenário da descoberta da América, o Centro de Estudos Árabes recebeu duas professoras do *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos* da *Universidad Autónoma de Madrid* – Dra. Aurora Cano (então Chefe do Departamento) e Dra. Nieves Paradela – e Aida estabeleceu com elas as bases do que viria a ser uma longa e fecunda cooperação entre nossos Centros.



Nieves Paradela - <https://www.youtube.com/watch?v=B-PnuCXP0IE>

Aurora Cano era simplesmente a maior autoridade mundial nos “*Fondos Árabes*” de *El Escorial* e – como pude constatar *in loco* em 1998 – era ela a pessoa que mais conhecia as preciosidades medievais da Biblioteca do famoso mosteiro. Nessa visita a Madri, para firmar novas parcerias do Cemroc, o Prof. Mario Sproviero e eu fomos tratados como reis, porque as espanholas queriam retribuir a hospitalidade que tinham recebido da Aida...

Já em 1996, começamos algumas parcerias em coedição com a *Universidad Autónoma de Madrid*, duas modestas séries: *Cuadernos de Cultura y Ciencia* e

Colección *Textos y Estudios*. Em 1998, começáramos nossa revista *Collatio*, também com a UAM.

Antes disso, porém, em 1993, ainda no Centro de Estudos Árabes da USP, começamos a realizar dois projetos importantes: a *Revista de Estudos Árabes* (REA) e a coleção de livros *Oriente & Ocidente*.

De sua viagem a Paris, em 1993, para um estágio (que hoje chamaríamos de Pós Doutorado), Aida aproveitou para cursar caligrafia árabe com Hassan Massoudy, o maior calígrafo do mundo, e obteve do mestre iraquiano um presente: o nome da revista (em árabe) grafado pelo artista e que, claro, viria a ser a nova capa da REA.



Em seus seis números, Aida obteve para a REA preciosidades – entrevistas, artigos e conferências – de autores como Antônio Houaiss, Evanildo Bechara, Milton Hatoum, Jamil Almansur Haddad, Hassan Massoudy, Roshdi Rashed (então diretor do CNRS de Paris), entre tantos outros.

A coleção *Oriente & Ocidente* contou com 10 volumes



Quando digo que publicamos isto, isto e mais aquilo, não se pense que contávamos com suporte financeiro institucional: cedo aprendemos que não poderíamos depender da imensa burocracia da USP (para uso de suas gráficas ou verbas...). Cedo também descobrimos que tampouco poderíamos contar com nossa (rica) colônia, nem sempre sensível a iniciativas acadêmicas e culturais... Realizávamos os projetos sob o estímulo (e a generosidade pessoal) do Prof. Nasr. E “rachando” os custos entre os diversos autores de cada livro, dirigindo as edições para os alunos, que se interessavam e compravam a maior parte das limitadas tiragens. Aida e eu, além da direção editorial, nos encarregávamos também de negociar com as gráficas (cujo ambiente não era precisamente dos mais refinados...), do transporte dos livros etc.

Hoje, nesta retrospectiva, nem sei como tínhamos ânimo para toda essa trabalhadeira... Estávamos também entusiasmados pois o Curso de Árabe iria ter seu próprio mestrado e toda contribuição acadêmica, científica ou literária era mais do que bem vinda.

Um dia, numa aula em 1991, o Prof. Nasr propôs um exercício para ocupar a classe e dirigiu-se particularmente a mim, para dizer que o Curso de Árabe tinha planos de abrir um Curso de Mestrado e que ele e a Aida contavam comigo. Eu respondi-lhe que não sabia se me encontrava à altura de acompanhar aquelas aulas de Pós. Ao que ele replicou: “Não, contamos com você como professor...!”. Passado o susto inicial - e com a garantia de que ele e a Profa. Aida se encarregariam de complementar minha formação e de que eu poderia estabelecer em minha disciplina relações com o Ocidente Medieval -, aceitei. Esse mestrado começou em 1995 e, “de fora”, estávamos o saudoso Prof. Dr. Fernando Mourão (do Centro de Estudos Africanos) e eu.

Ainda dessa época, uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que Aida e eu publicamos em 17-8-91 no “Jornal da Tarde”, analisando a genial canção “Águas de Março”.

Procurávamos mostrar que, nessa poesia, Tom seguia o “sistema língua/pensamento árabe” (Lohmann), que em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, trabalha com um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlances lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...). Etc.

E fazíamos a comparação concreta com uma poesia clássica da tradição árabe, de Qus Ibn Sa’ida, que apresentava o estilo de pensamento que reencontrávamos em Águas de Março.

Algum tempo depois da publicação, o erudito jornalista Luiz Carlos Lisboa, então do “Jornal da Tarde”, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu “lado” árabe...

E treze anos depois, o conhecido jornalista, crítico de arte e escritor Antonio Gonçalves Filho escrevia no Estadão (6-6-2004, p. 16):

Muito antes desse “boom” literário, grandes compositores como Tom Jobim já haviam descoberto o poder de sedução do pensamento árabe – rápido e cortante, como observaram os professores Aida Hanania e Jean Lauand, ao analisar a letra de Águas de Março. Ela revelou uma curiosa referência a uma composição de um poeta árabe de 1500 anos atrás, Ibn Sa’idah. Como se vê, Jobim nunca desprezou a tradição. Ainda assim, estava adiante de seu tempo.

As recentes atividades de Aida no Cemoroc: formação de professores e alunos da escola pública

Trabalhando ativamente, ao longo de todos esses anos, em todas as nossas revistas – atualmente mantemos: *International Studies on Law & Education*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum* e *Convenit Internacional* – Aida também tem colaborado como autora de dezenas de preciosos estudos, em geral sobre temas árabes e, dentre estes, especialmente os de sua especialidade: a caligrafia, o teatro, a literatura, o papel da imagem para a cultura árabe etc.

Dispensando-me de escrever sobre eles, pois em 2017, por ocasião dos 20 anos de existência formal do Cemoroc, pedimos a nossos principais autores que fizessem, uma retrospectiva, uma “selfie” de sua produção em revistas do Centro e a própria Aida brindou-nos com essa sua recapitulação no artigo “Artes e cultura árabes – meus estudos em revistas do Cemoroc 1997-2017”, que se encontra em ISLE 25/26: <https://www.youtube.com/watch?v=2Bb2kdg9mSI&t=4127s>.

A partir de 2012, por iniciativa da – também nossa diretora – Profª. Dra. Chie Hirose, o Cemoroc assumiu formalmente a missão de formar professores da Escola Pública. A própria Chie é um caso raro: possuindo mestrado pela Universidade de Hiroshima, doutorado e dois pós doutorados na Feusp, nunca abdicou de sua atividade profissional principal: professora de Fundamental I em escola da Prefeitura de São Paulo. Aida, generosamente como sempre, integrou-se a esse projeto, que é uma das prioridades atuais de nosso Centro.

Assim, nestes 8 anos, o Cemoroc tem organizado muitos eventos – seminários, conferências, encontros, aulas etc. – para professores e alunos das escolas públicas de São Paulo.



Aida, Chie e JL (sentado) em curso de doutorado na Feusp (2018)

Aida, sempre se disponibiliza para trabalhos voluntários. Por exemplo, em nossa revista *Notandum* 30 (<http://hottopos.com/convenit21/05-14Aida.pdf>), ela recolhe

sua experiência (de 2007) no trabalho voluntário no Brasil (convocada que foi pela ONU) com refugiados palestinos, uma questão que, infelizmente, vem ganhando crescente atualidade. E, a partir dessa vivência, analisa a interação das duas culturas...



Aida com professores da rede de S. Caetano do Sul (março de 2018)

Em nosso programa para a formação de professores, destaco, só para ficar com um par de eventos ainda recentes: as quatro memoráveis conferências que proferimos para centenas professores da Prefeitura de S. Caetano do Sul e as conferências (traduzidas e dialogadas em Libras) sobre língua e cultura árabes para professores e alunos surdos da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, de São Paulo.



Conferências sobre Cultura Árabe para professores e alunos surdos na Escola municipal (novembro 2017)

Causou extraordinário impacto para os estudiosos, as relações de semelhança que Aida e seus alunos surdos (a escola, no caso, era um polo de inclusão) entre o

gênio da língua árabe e Libras. Os surdos ficaram maravilhados, por exemplo, com convergências como: ausência do verbo ser como verbo de ligação, o uso da frase nominal etc.



Conferência sobre Língua Árabe para professores e alunos surdos na escola municipal (novembro 2017)

Encerro estas lembranças e considerações, recordando que, em algumas vezes (e este me parece ser bem o caso), diante da grandeza da pessoa homenageada, o verdadeiro homenageado é quem presta a homenagem (e não quem a recebe...)

Muito obrigado.

A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello

Jean Lauand⁴

Resumo: Notas da conferência de abertura do XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, evento em homenagem   Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello.

Palavras Chave: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, conference in homage to Professor Silvia M. Gasparian Colello.

Keywords: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

A Feusp de então

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2018   Silvia M. Gasparian Colello, Livre Docente S nior da Faculdade de Educa o da Universidade de São Paulo. Neste evento também, ocorre sua nomea o oficial como Diretora Acadêmica de nosso Centro.

Esse modesto reconhecimento que lhe prestamos d -se no início de uma nova fase de sua carreira na Feusp, agora como professora S nior. Outra coincidência   o aniversário redondo de seu ingresso na Feusp, em 1978, como aluna. Na Feusp faria, com brilhantismo, o mestrado, doutorado e, em 2015, a Livre Docência.

Nesta conferência (e no correspondente artigo) vou, como testemunha, ater-me mais às qualidades pessoais e   sua trajetória na Feusp, amparado no fato de que, recentemente, publicamos um artigo da própria autora, a insistentes pedidos do editor (<http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>), destacando o histórico de sua produ o anterior   sua nomea o como professora S nior da Faculdade.



A Faculdade de Educa o da USP, como tal,   muito recente: começou a funcionar em 1970 (criada pelo Estatuto da USP de 15-12-1969). Eu ingressei no mestrado da Feusp em 1976; Silvia, como aluna da gradua o em 1978 e claro que,

⁴. Professor Titular S nior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

então – como é típico dos brasileiros e paulistas – nem reparávamos nas grandes mudanças que protagonizávamos na USP e na Feusp. Lembro que em 1997 e 1998, em viagens para a Europa, para fundar estas revistas do Cemoroc (já nascidas em parceria com universidades do Velho Mundo) perguntava aos colegas dessas instituições, se poderíamos pôr nas capas das revistas uma indicação de que se tratava de edições comemorativas dos 30 anos da Feusp e que a Direção estava empenhada em celebrar essa data. Alguns deles ficavam surpresos de que esses brasileiros comemorassem 30 (!!) anos. Um professor de Friburgo (Alemanha), sorrindo, respondeu-me: “Sim, claro, mas nós estamos aqui desde 1457!” E ao visitar Coimbra (1290) e o Mosteiro de Mont Serrat (século XI), nem me passou pela cabeça mencionar os vinte e tantos anos de minha Feusp.

Em 1982, recém formada, Silvia começou seu mestrado no ainda incipiente curso de Pós Graduação da Faculdade, com a Profa. Dra. Maria da Penha Villalobos e, com a aposentadoria desta, passou a ter como orientadora a Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva. Nesse mesmo ano, passou de aluna a professora da Feusp (a mais jovem professora da história da Feusp)!

Evocar alguns aspectos da – então também extremamente jovem – Feusp ajudar-nos-ão a compreender a época do início da carreira de nossa homenageada.

Hoje seria impossível que alguém que não tenha ao menos doutorado, possa se candidatar a docente na Feusp, mas a maioria dos que ingressamos naquela época não tínhamos nem concluído o mestrado. Isso era natural: se nestes últimos anos temos na Feusp em média 600 alunos cursando mestrado e doutorado (e cerca de 120 docentes credenciados a orientar), os aprovados no exame escrito da Pós em 1975 éramos apenas 22 (quatro de nós viriam a ser logo contratados como professores). Sei do número exato porque até fomos honrados com a publicação de nossa aprovação pelo Estadão (28-02-1975).

Eram outros tempos, tempos de juventude, dos começos da Faculdade. E de vibrante ambiente acadêmico. Por mais acentuadas que fossem as vicissitudes políticas daqueles anos, em geral a Feusp abrigava uma convivência, na qual as divergências políticas pesavam menos do que “*las internas*”. “*Las internas*” é uma expressão que aprendi em conversas com colegas em um congresso em Buenos Aires; lá, eles dispõem dessa palavra específica para indicar as lutas e disputas intestinas (ao que parece, universais) que ocorrem dentro de um Departamento, Faculdade ou Universidade (acabei perguntando, quando ouvi que o prof. Fulano tinha ido parar no hospital por causa de “*las internas*” e me explicaram, rindo, que não se tratava de fetiche por enfermeiras...). E conviviam, por exemplo em nosso Departamento (o EDF, Filosofia e Ciências da Educação), grandes intelectuais de orientações ideológicas antagônicas como Roque Spencer Maciel de Barros ou Nicolas Boer (para citar dois dos nomes do grupo mais ligado ao Estadão) e José Mário Pires Azanha ou Celso de Rui Beisiegel.

Muitos de nossos professores eram formais (até no modo de vestir: por exemplo, para os quatro citados acima, terno e gravata era o traje cotidiano obrigatório). Lembro-me que Nicolas Boer, meu orientador de doutorado, apesar de ser um querido amigo, quando queria se comunicar comigo, valia-se sempre da Secretária da Pós (só quando obtive o título de doutor, ele passou a telefonar-me diretamente...).

As arguições em bancas eram, por vezes, muito duras: não estava estabelecido o padrão suave e até carinhoso que predomina hoje. Lembro-me de que na minha banca de Livre Docência, um dos professores (embora fosse muito meu amigo) começou a arguir (uma arguição duríssima!), dizendo que estranhava que o colega que

o precedera tivesse feito elogios: que banca era para julgar e, sempre que necessário, para reprovar!

Nos velhos tempos, a USP era muito mais respeitada. Com a aposentadoria do grande medievalista Ruy Afonso da Costa Nunes, tive que sucedê-lo na cadeira História da Educação na Idade Média e vim a saber que a preciosa coleção da Patrologia do Migne (centenas de volumes *in folio* de textos dos Padres Gregos e Latinos) tinha sido comprada, se não me engano em 1962, para o acervo da Biblioteca (então ainda Departamento de Educação da FFCLUSP) de uma só vez e fora do orçamento da Faculdade. Ruy Nunes soubera da oportunidade de adquirir a coleção em uma livraria europeia e, com um mínimo de procedimentos burocráticos, o governo autorizou toda a verba. Aquilo que, na época, se resolveu com um par de telefonemas, hoje requereria todo o orçamento da Biblioteca por décadas e nem haveria interesse, pois não há mais uma cadeira de Medieval, nem tantos cultores do grego e do latim... Não tenho dúvida de que a decadência da universidade caminha *pari passu* com a crescente burocracia imposta pelos governos externos e, por vezes, pelo interno: o insaciável afã de controle, de avaliações, de reuniões, papelada etc. para não falar da agenda oculta de dominação pelo pesado mecanismo que gera montanhas de exigências para que todos estejam vulneráveis e, portanto, sujeitos, em última instância, à arbitrariedade dos que controlam o sistema, a “máquina”!

Eram outros tempos de relacionamento: era muito fácil, por exemplo, obter carona na Cidade Universitária, com o clássico gesto do polegar. E eu lembrava-me jocosamente da sentença de Santo Tomás de Aquino de que em uma comunidade de pessoas virtuosas, não seria necessária a punição da lei: nunca, em décadas, soube de uma única multa de trânsito aplicada no campus!

O currículo da Feusp naquela época era muito diferente: continha requintes como um semestre inteiro, com 4h/semana, para História da Educação na Antiguidade; outro, só para Medieval; outro, só para Renascimento etc.; continha uma carga intensa de psicologia e sociologia e quatro semestres para Filosofia da Educação! Um currículo voltado para a efetiva constituição do educador: uma formação mais voltada para a complexidade da cultura educacional do que propriamente para a aquisição de um *know how* técnico de professor.

Para mim, não foi totalmente teórica e abstrata a redação de minha tese de doutoramento sobre “O que é uma verdadeira universidade”, no pensamento do filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper. Pieper que propõe que a universidade deve estabelecer a conexão global de uma realidade qualquer com o todo do real (segundo a própria etimologia de *universitas*); instituição que realiza precisamente isso que é, por definição, o próprio espírito humano. Era a vivência (em contados casos) de aulas com alguns professores de notável erudição (especialmente em nosso Departamento) e que, além disso, bem sabiam estabelecer essas conexões em aulas riquíssimas e deliciosas. Meu orientador de doutorado, por exemplo, o já mencionado Dr. Nicolas Boer, era editorialista de Política Internacional e de Religião do Estadão. Em suas aulas de Sociologia para o doutorado, discutindo um editorial seu sobre Igreja no Brasil, em meio a vertiginosas, geniais e inesperadas associações (como por exemplo entre o Imperador Justiniano, a *Nomenklatura* soviética, a *Ersatzreligion* de Jaspers e o *Récit sur l'Antéchrist* de Soloviev) eram permeadas de sutis trocadilhos em latim ou alemão, sem se dar muito ao trabalho de explicar detalhes. Ele não estava preocupado em “cumprir o programa” ou transmitir informações arrumadinhas; o que tínhamos (os poucos alunos que haviam escolhido cursar aquela disciplina) era um espetáculo de inteligência e de espírito universitário: aquela *Offenheit für das Ganze*, a abertura para a totalidade, de que tratei em meu doutorado. Certamente ele preparava as aulas mas, na hora, seguia mesmo era o fluxo de pensamento do momento, pedindo,

por vezes, ajuda à classe: “- Como se chama aquele russo?” “- !??”. “O russo do *Récit*?” Quando alguém acabava respondendo (no caso: Soloviev) ele sorria, realizado, ao dar-se conta de que havia pelo menos um aproveitando 100%.

Mais do que tais e tais conteúdos, aprendíamos a pensar, a tal *Offenheit*. E é por isso que, há pouco, lembrei-me tão facilmente – mais de trinta anos depois – de uma torrente de associações em uma aula do Boer; embora de outras disciplinas que cursei e de seus professores nem lembre o nome... Por isso, ao indicar matrícula para meus orientandos, sempre que possível tenho seguido este critério: o assunto é secundário, curse disciplinas com um (autêntico) professor universitário, mesmo que (digo jocosamente) ele esteja dando um curso sobre Empadinhas. Como se faz a massa, o tempo e a temperatura do forno é assunto para colegial (como diria o mesmo Boer); em um curso universitário o que se vai discutir é se a azeitona é natureza ou cultura (ou talvez a dialética natureza-trabalho...).

Tudo isto, infelizmente, está a anos luz das “aulinhas *power point*” que infestam tantas (pseudo) universidades de hoje! (nada contra o *power point* em si, eu mesmo o uso por vezes, quando conveniente; o problema está nas aulinhas...)

Outro luxo da época em que ingressei como mestrando, eram os gabinetes dos professores, no antigo prédio, projetado para alojamento de bolsistas do CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais) e que dispunham do espaço completo de uma ampla suíte. Ainda hoje, continuam servindo, em lugares determinados da Feusp, algumas mesas e cadeiras daquele antigo prédio.



O antigo prédio - <http://www2.fe.usp.br/estrutura/cme/curiosidades.html>

Nem se sonhava com computador; nosso material didático era feito com base no estêncil a álcool ou, nos casos mais sofisticados, no mimeógrafo a tinta e, depois, nas precárias fotocópias, precursoras das atuais xerox. Meu primeiro livro, *Educação, Teatro e Matemática Medievais* (Perspectiva-Edusp), de 1986, foi impresso com as placas de chumbo do Gutemberg. Na segunda edição desse livro, pude contar com um valioso capítulo de Sílvia, com quem, por razões que explicarei no próximo tópico, dividia esse curso.

As nossas teses eram escritas com máquina de escrever – as máquinas elétricas eram um luxo recente – e as ilustrações eram aplicadas com tesoura e durex! Anos mais tarde, lembro-me que a dissertação de mestrado da Sílvia foi um dos primeiros trabalhos com impressão a laser a dar entrada na biblioteca da FEUSP, uma inovação para a época!

Por outro lado, já naquele tempo, escrevíamos muito para jornais. Como disse, havia na FEUSP alguns professores ligados ao Estadão e, incentivado pelo Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros, desde o começo do mestrado, publiquei diversos artigos no “Suplemento Cultura” do Estadão e, depois, no Jornal da Tarde (então um jornal importante do grupo Estado) e no “Caderno de Sábado” do JT. Lamentavelmente, como reflexo do distanciamento entre a universidade e a população, trabalhos jornalísticos, que tanto favoreciam a formação de opinião pública e a prestação de esclarecimentos, deixaram de ser valorizados. Por isso, hoje, o pesquisador, muitas vezes, se vê condenado a dialogar apenas com seus pares pela via de artigos técnicos e revistas científicas.

A parceria com Silvia Gasparian Colello

Em meu primeiro ano como docente da Feusp (1981), fui encarregado de lecionar Filosofia da Educação para o 4º. ano de Pedagogia. Aquela era uma classe de elevado nível intelectual e humano e, pela seriedade e inteligência, destacava-se a aluna Silvia Gasparian.

No Departamento, desde o começo, sempre gozei de ilimitada liberdade. O acolhimento e a sintonia com a turma permitia certas “heterodoxias”. Lembro-me de que dediquei boa parte do curso à comparação entre Platão e Paulinho da Viola (uma associação presente em minhas pesquisas até hoje) e de que, em uma aula, indiquei às alunas que comprassem o JT do sábado seguinte, pois nele estaria a base para nosso próximo seminário: um longo artigo do professor sobre o tema (cf. <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>). Naturalmente, Paulinho da Viola comparecia nas aulas em discos de vinil, solicitando um toca discos para o setor de Áudio Visual...

Em outra ocasião memorável, levei para nossa sala de aula um “laboratório” de poesia: o incomparável poeta popular José Gilberto Gaspar, que durante horas tocou-nos profundamente com suas canções, poesias e “causos” do interior de Minas. Trinta e cinco anos depois, o poeta viria a encantar o país inteiro no *X-Factor Brasil* 2016 da TV Bandeirantes.



José Gilberto Gaspar (ao violão) na Feusp:
I Seminário Internacional Cemoroc (2001)

O impacto dessa liberdade acadêmica logo se fez sentir pelo avanço dos alunos que, não apenas aprendiam a discutir, argumentar, defender pontos de vista e assumir posturas críticas, como também, a se aproximar do universo estético-literário: a arte e a beleza como ingredientes fundamentais na formação dos futuros educadores!

Para um professor iniciante, foi extremamente importante ser distinguido, ao final daquele ano, na cerimônia de formatura, com uma dupla homenagem: Paraninfo e Professor Homenageado da turma.

Penso que um dos melhores serviços que prestei à Feusp foi ter insistido com minha aluna Sílvia, no final do ano letivo de 1981, para que ela concorresse ao mestrado, o que, no caso dela, seria um primeiro passo para uma provável contratação como docente.

E de fato, pela sua notável maturidade, humana e intelectual, já no ano seguinte, ingressou no Mestrado e foi contratada como Professora da Feusp, dando início a uma bela carreira de 35 anos. Nosso departamento, o EDF, Filosofia e Ciências da Educação, desde seu ingresso, confiou a ela – confiabilidade é uma marca registrada de Sílvia Colello! – árduas tarefas para uma iniciante.

Embora desde o começo ela estivesse ciente de seus interesses acadêmicos – ligados a alfabetização e letramento – e da necessidade de focar neles, naqueles primeiros tempos éramos obrigados a atender a variadas exigências do Departamento e Sílvia passou seus primeiros anos docentes colaborando com professores mais experientes e teve que lecionar: Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica, Filosofia da Educação I, II e IV; História da Educação Medieval (depois Medieval e Renascentista), Orientação Educacional etc.

Se isso era dispersivo, por outro lado, trouxe-lhe o benefício de obrigá-la a ampliar suas leituras e formação para áreas, como Lógica formal ou “Espelhos” medievais, que nada tinham que ver com seus interesses próprios. Sílvia superava a insegurança da situação que lhe era imposta com sua arma principal: trabalho, trabalho sério e árduo, oculto sob o bom humor, a serenidade e a leveza do trato; sem se queixar, como se se tratasse da coisa mais natural do mundo.

Essa situação problemática foi levada ao extremo no 2º. semestre de 1984, quando os alunos de Filosofia da Educação II – disciplina na qual Sílvia estava como assistente de um professor, particularmente intragável para os alunos. O caso foi tão sério que os alunos da noite fizeram uma greve de praticamente todo o semestre e acabariam reprovados em massa, pelo professor (um dos do grupo do Estadão). Essa greve foi objeto até de um artigo do importante jornalista Mauro Chaves “Terrorismo incultural da ditadura discente”, na p.2 de O Estado de S. Paulo de 15-11-1984, que refletia, do ponto de vista do articulista, o clima da Feusp durante esse caso:

“[os jovens são levados a] reagir sistematicamente contra tudo o que lhes parece imposto, por não ter passado pelo crivo de sua escolha, opção ou “eleição”. [...] Ocorre que até alunos do primeiro ano de nossas faculdades pretendem impor a seus professores programações de matérias em relação às quais, obviamente, são absolutamente ignaros. [Os professores sérios que não se acovardam] sofrerão amargamente os efeitos do terrorismo incultural da ditadura discente: serão pressionados pelas greves, pelas ‘exigências’ de seu afastamento, por meio de manifestos, de cartas abertas, cartazes espalhados por toda a escola, e até matérias publicadas nos jornais, por iniciativa dos alunos. É isto o que ocorre, por exemplo, com o professor F. na Faculdade de Educação da USP, onde ministra a disciplina “Filosofia da Educação”. Os alunos do primeiro ano noturno, de seu curso, já estão em greve há cerca de oitenta dias, exigindo seu afastamento. [...] Em sua campanha para afastar F., os grevistas têm tido toda a liberdade de encher a faculdade de cartazes; têm tido a liberdade de invadir aulas de outros professores,

obrigando-os a optar, por escrito, quanto ao afastamento ou não do professor de Filosofia da Educação... Etc. etc.

E no meio desse furacão, a recém ingressada Profa. Silvia Colello, que soube manter uma absoluta integridade ética e profissional nessa crise e até exerceu informalmente o papel de mediadora entre as partes.

O professor F. estrategicamente se aposentou em seguida, deixando uma notável dor de cabeça para o novo chefe do Departamento, o saudoso Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel. Para colaborar com a nova chefia, aceitei encarregar-me (simultaneamente!) dos dois enormes problemas: 1) a disciplina do professor F., que teve o dobro de alunos, todos muito “motivados” pela reprovação em massa (as aulas tiveram que ser dadas no Auditório da Escola de Aplicação, para comportar a multidão) e 2) assumir, pela aposentadoria do Prof. Dr. Ruy Nunes, a disciplina História da Educação Medieval (o EDF não dispunha de nenhum medievalista).

Nesta última, pude contar com a colaboração da Silvia como assistente. E lá vai a Silvia estudar Idade Média, para ajudar o novo professor encarregado... Como naqueles tempos não havia (quase) nada traduzido de textos de autores da educação da época, já no ano seguinte (1986) pude lançar meu primeiro livro: *Educação, Teatro e Matemática Medievais* – estudos introdutórios, tradução e notas, publicado pela Perspectiva em coedição com a Edusp. Alguns anos depois, a segunda edição veio enriquecida com um capítulo da Silvia: o “Manual para a educação de meu filho” de Dhuoda (século IX).



JL e Silvia Colello: uma parceria selada pela cooperação, respeito e amizade

Nosso curso de Medieval tinha também suas aventuras: todos os anos, Silvia e eu levávamos os alunos ao Mosteiro de São Bento, para uma aula com o monge Dr. Dom João Mehlmann.

Dom João, protótipo do sábio beneditino, era de longe o maior conhecedor da história e dos autores medievais (frequentemente convocado para bancas de teses na USP). Em todos os semestres, até seu falecimento, tendo em conta o fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os 120 alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco

antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem, dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente a figura do monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas da atualidade. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso!”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora... Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a se aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena perder tempo...”.

Nem é necessário destacar a requintada elegância e distinção com que Silvia recebia e cativava nossos convidados (até um monge meio ermitão como Dom João, uma vez comentou comigo sobre a educação, a classe e a cultura dessa minha colega e até deixou escapar, naquele seu realismo sem nenhuma malícia: “E é também muito bonita!”). (Desculpe, Silvia, de só agora contar isso para você!)

São pequenos detalhes, mas dignos de registro nesses tempos em que o relacionamento universitário, por vezes, tende mais para a vulgarização.

A têmpera de Silvia Gasparian Colello

“Normalidade”, não significa necessariamente qualidade comum ou corrente. Normal, no sentido que vou empregar aqui, é aquilo que é correto, saudável, bom... No exemplo do Houaiss, uma criança normal é “uma criança sem defeitos ou problemas físicos ou mentais” e uma boca *normal* tem todos os dentes sadios, embora seja absolutamente *comum* ter um par de cáries, dentes quebrados etc.

Assim, uma das principais qualidades de nossa homenageada é a *normalidade*, no sentido de ser uma pessoa ética, agradável, serena, bem humorada (e até divertida) com quem se pode contar, sem esquisitices; o que os jovens de hoje – um tanto maniqueisticamente – designam por “do bem”.

Entendamo-nos bem: sua inteligência, cultura, produção e competência, são muito acima do normal, mas nunca – nessas décadas de convívio – ninguém na Feusp presenciou um destempero, uma extravagância, um atropelo de colega, uma queixa de aluno etc. Começar a carreira e aposentar-se na universidade, tendo o respeito absoluto de todos, sem nunca ter se envolvido em “*las internas*” e isso sem abdicar de suas convicções – é a esta *normalidade* (qualidade rara em nosso meio acadêmico) que me refiro.

Essa incomum *normalidade* brota com tanta naturalidade que se corre o risco de tomá-la por qualidade secundária, que se dá *por supuesto*, *taken for granted* nos poucos que a têm e, talvez, nem se percebe sua importância. A presença sempre serena de Silvia, sua discreta solicitude muito contribuiu para a melhora da convivência no Departamento e na Faculdade.

Sou testemunha autorizada: durante muitos anos (até minha aposentadoria, em 2009) compartilhamos o gabinete 218 do bloco A da Feusp, para mim um enriquecimento acadêmico e humano inestimável. No clima muitas vezes frio da universidade, nossa sala era como um pequeno oásis, pois lá havia não apenas o árduo

trabalho (o planejamento de aulas, a correção de trabalhos...), como também a acolhida calorosa aos alunos e orientandos, a conversa jogada fora, o refresco nos dias de calor, o biscoito partilhado na hora da fome. Aí pude continuamente comprovar que o convívio com Silvia Colello melhora o ambiente de trabalho, ajuda e estimula os colegas e alunos, ancorados pela seriedade acadêmica unida ao bom humor e à disponibilidade para ajudar e fazer crescer: naquele sentido de *educere*, fazer com que cada um extraia de si o melhor.

Nunca agradecerei suficientemente aqueles anos de convívio: de podermos expor, confiadamente, projetos, conquistas que eram saboreadas pelo outro; a paciência com que permitia que eu fumasse no Gabinete (naquele tempo podia-se fumar até em sala de aula) etc.. Das conversas descontraídas, corriqueiras e divertidas, por vezes brotavam inesperadamente poderosas ajudas acadêmicas: como aquela em que, a partir do gosto comum por Tintin e Asterix, acabei me apropriando, para uso em sala de aula, do exemplar de “O combate dos chefes” de Asterix, que pertencia à Silvia (na verdade, ainda preciso devolver...).

Depois de participar de sua banca de mestrado, doutorado e concurso de ingresso à carreira docente (efetivação), pude também fazer a arguição de sua Livre Docência. Nessa oportunidade, refletindo sobre a personalidade acadêmica da candidata, não encontrei melhor caracterização do que falar da *têmpera* de Silvia, naquele sentido original de *temperare*.

Temperar – do latim *temperare* – é formar um todo harmônico com elementos diversos. A alface, o tomate, a cenoura estão ali meio insossos; ao ajuntar o azeite, o sal etc. obtém-se um todo harmônico. O ferro unido ao carbono, na proporção certa, dá o aço temperado; a confluência de fatores de personalidade dá o temperamento (é etimologicamente incorreto dizer que uma pessoa agressiva ou destrambelhada é temperamental; ela pratica, isso sim, um *destemperero* verbal ou fático).

Essa *têmpera* é muito nítida em Silvia Colello: seriedade, mas com a devida flexibilidade e transbordante bom senso; rigor acadêmico em comunicação amigável; profundidade teórica e pés no chão; formação clássica e atualização (ela é até inovadora) nas modernas tecnologias; a difícil combinação abstrato-concreto, que é o segredo do ensinar; etc. Uma profissional brilhante, cuja modéstia só faz, ao longo dos anos e décadas, se acentuar!

As diversas qualidades dessa *têmpera* vão se manifestando em todas as instâncias acadêmicas, sempre em nível de excelência: pesquisas, aulas, orientação de mestrados e doutorados, os mais diversos serviços à Feusp, a constante requisição de seus critérios pela imprensa, o compromisso e a dedicação para com as escolas públicas, a presença nas diversas mídias etc.



Em seu último trabalho – uma adaptação da tese de Livre-docência – pude compartilhar com a Silvia mais essa conquista, registrando todas essas impressões no prefácio do livro *Produção Textual*.



Aproveito esta ocasião para, publicamente, expressar também meus agradecimentos por toda a inestimável colaboração que, desde o início – já se lá vão vinte anos – Silvia Colello tem prestado às revistas internacionais do nosso Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-Feusp, que fundei e dirijo, bem como aos eventos que o Centro promove.

Nossas revistas foram fundadas em 1997/8 e, desde o começo até hoje, temos tido o privilégio de ter podido contar com uma vintena de artigos de autoria de Silvia, em todas essas revistas, além de seu trabalho de *editor* em diversos números. Na edição comemorativa dos vinte anos de nossa editora, os principais autores foram convocados a revisitarem sua produção no Cemoroc e o fecundo trabalho de Silvia está resenhado em <http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>.

Muito obrigado.

Produzir conhecimentos na escola: significados e sentidos do Projeto *Coepta*

Silvia M. Gasparian Colello⁵

Resumo: Por ocasião desta celebração do 25º. aniversário e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a alguns de seus editores um artigo sobre seu trabalho em nossas revistas. Neste artigo apresenta-se o Projeto *Coepta*, publicação de jovens autores nas revistas do Centro.

Palavras Chave: Cemoroc; revistas acadêmicas; Projeto *Coepta*.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals, the publisher has asked editors to write an article about his/her work in these journals. In this article, the author presents *Coepta*, a project of publishing young authors in our journals.

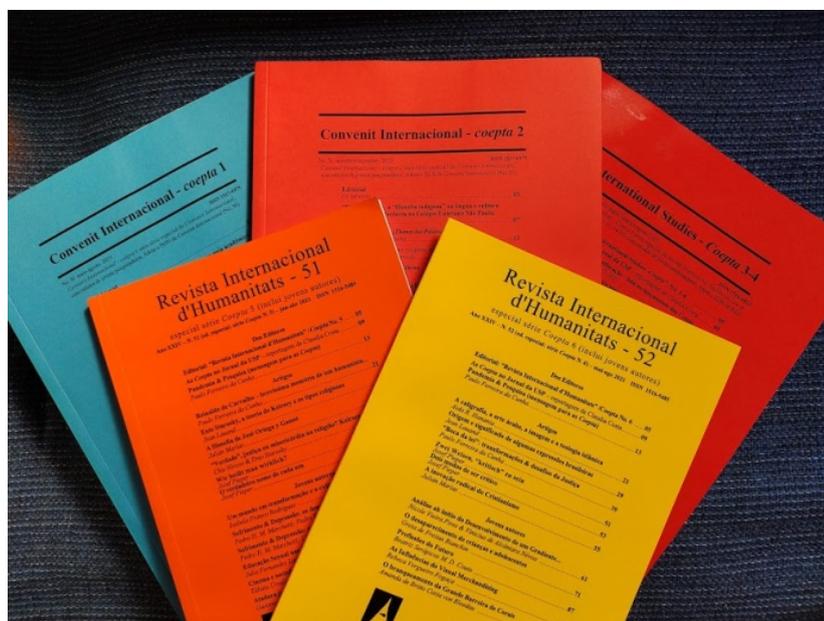
Keywords: Cemoroc; academic journals; *Coepta*.

Em 2019, o Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP – CEMOrOc/FEUSP (<http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/>) – lançou, em parceria com renomadas instituições europeias (Faculdade de Direito/ Inst. Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto e Dep. de Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana da Universitat Autònoma de Barcelona), o projeto *Coepta* com o propósito de incentivar a produção científica de jovens estudantes do Ensino Médio. Desde então, foram publicados 40 artigos distribuídos em 6 números:

- Convenit Internacional, n. 30 – *Coepta* 1 (mai-ago, 2019):
<http://www.hottopos.com/convenit30/index.htm>
- Convenit Internacional, n. 32 – *Coepta* 2 (set-dez, 2019):
<http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm>
- International Studies on Law and Education, n. 35/35 – *Coepta* 3-4 (jan-ago, 2020):
http://www.hottopos.com/isle34_35/

⁵ Educadora com mestrado, doutorado e livre-docência pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Vinculada ao programa de pós-graduação dessa mesma instituição, é também diretora acadêmica do Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente – CEMOrOc/FEUSP e editora da série *Coepta*.

- Revista Internacional d'Humanitats, n. 51 – *Coepta* 5 (jan-abr, 2021):
<http://www.hottopos.com/rih51/index.htm>
- Revista Internacional d'Humanitats, n. 52 – *Coepta* 6 (mai-ago, 2021):
<http://www.hottopos.com/rih52/index.htm>



Revistas *Coepta*

Como proposta inovadora voltada para as escolas públicas e privadas, a iniciativa, mais do que um projeto editorial de publicação de artigos de adolescentes, merece ser vista como efetiva contribuição educativa. Nessa perspectiva, se os seus significados incidem sobre a necessária revisão das práticas escolares, os seus sentidos traduzem o potencial formativo do trabalho investigativo entre jovens estudantes. Para que se possa melhor dimensionar o mérito do projeto, o presente artigo visa colocar em evidência essas duas dimensões: os significados e os sentidos das publicações *Coepta*.

Da cultura escolar à constituição de uma proposta inovadora: significados do projeto *Coepta*

Assumindo o compromisso de transmitir às novas gerações saberes historicamente constituídos, a escola costuma trabalhar em função de um currículo fechado de conteúdos, sistematizados em blocos de disciplinas e fragmentados em anos ou segmentos do ensino. Nessa perspectiva, prevalece na cultura escolar uma progressão linear de aprendizagens que, partindo da Educação Infantil, deveria garantir até o Ensino Médio um bloco de conhecimentos pré-estabelecido (em geral, concretizado pelos programas dos vestibulares ou por avaliações externas de desempenho escolar). Nessa perspectiva conteudista de ensino - que tantas vezes menospreza o desenvolvimento de competências, o protagonismo do sujeito, o vínculo

dele com a cultura e a construção de uma postura em face de seu mundo – a formação do sujeito se submete à lógica de um “saber doado”, mas não necessariamente assimilado de modo crítico; um conhecimento supostamente aprendido, mas impossível de ser recriado. Sem desmerecer a importância dos conteúdos escolares ou dos próprios currículos, o risco está no desequilíbrio de uma prática que educa muito mais para um “saber estável” do que para o ser, o sentir, o questionar, o inquirir, o pesquisar, o problematizar, o construir e reconstruir.

Quando projetos inovadores se acenam aos professores, muito frequentemente assistimos a movimentos de resistência já que os docentes preferem se assegurar pela garantia do “programa cumprido”. Longe de culpabilizar individualmente os docentes pelo seu suposto conservadorismo, é preciso admitir que essa postura configura-se muito mais como o reflexo de um sistema que cobra e avalia o ensino em função da “matéria dada” (COLELLO, LUCAS, 2017). Assim, parece muito mais legítimo recitar fórmulas matemáticas, memorizar datas do passado e decorar regras de gramática do que, por exemplo, compreender o funcionamento básico da economia, o sentido do patrimônio histórico e o potencial da produção linguística. Além dos princípios tão arraigados da “educação bancária” (FREIRE, 1968), o próprio funcionamento da escola – dinâmicas cristalizadas, configuradas em tempos e espaços pré-fixados – inibe o desenvolvimento de projetos mais flexíveis de trabalho: como promover iniciativas de procedimentos investigativos no limitado tempo de 45 minutos de aula? Como propor trabalhos em grupos colaborativos com cadeiras enfileiradas na frente do quadro negro? Como convencer a própria comunidade de que é também possível aprender pela interação entre colegas a partir da resolução de problemas?

É só em face da compreensão do cenário da escola tradicional que se pode avaliar a ousadia e o mérito de tantas propostas pedagógicas que, desde o final do século passado, surgem como iniciativas para reinventar a educação (ARAÚJO, SASTRE, 2009; CARVALHO, 1998; FREITAS, 2015; SEMEGHINI-SIQUEIRA, CASTELLAR, 2012, entre outros); iniciativas que, circunscritas nas salas de aula ou nas boas experiências de tantos professores, nem sempre têm a devida visibilidade. De fato, são muitos os docentes que – tanto nas escolas privadas, como nas instituições públicas, em diferentes segmentos da escolaridade –, convidam seus alunos a compreender a realidade, desafiando-os a enfrentar problemas e, por essa via, construir conhecimentos. São propostas de trabalho pedagógico que pressupõem uma nova postura do professor, não mais como aquele que apenas transmite conteúdos, mas como alguém que propõe e problematiza temas de abordagem; orienta na busca de conhecimentos ou fontes de informação; promove diferentes agrupamentos em classe; estimula formas diversificadas de interação e mediação; sugere metodologias de investigação; questiona a respeito de posturas éticas; contrapõe argumentos e acompanha a produção de trabalhos.

Nesses casos, superando a dimensão estrita do fazer escolar, o que está em pauta é também constituir a postura crítica e autônoma dos estudantes. Mais do que dar início a novas práticas, trata-se de promover uma iniciação – um empreendimento que se instala não só na escola, mas como uma condição de vida dos jovens. A palavra latina *Coepta* - que traduz o sentido de uma iniciativa capaz de se perpetuar como prática ou de sustentar posturas – , foi, por essa razão, escolhida para instituir o projeto em pauta, que visa valorizar, dar visibilidade e integrar-se aos esforços de inovação docente. Com o propósito de publicar os trabalhos de estudantes do Ensino Médio (eventualmente até do último ano do Ensino Fundamental) – pesquisas, TCCs, resultados de investigação e relatórios de trabalho -, trata de “estimular alunos à realização de trabalhos autorais, tão importantes para a abertura de horizontes

intelectuais, guia para sua instalação no mundo atual e na formação da identidade” (LAUAND, COLELLO, 2019, p. 5).

A publicação de artigos de jovens estudantes que, por si só, já reflete o reconhecimento dos trabalhos de alunos e professores-orientadores, é ainda mais valorizada porque, nas seis revistas editadas, essas produções aparecem ao lado de textos de renomados estudiosos nacionais e internacionais. Em outras palavras, escapando da proposta de se fazer uma coletânea de “pesquisadores iniciantes” (um suposto preâmbulo da produção científica), o intuito foi de reconhecer seus devidos lugares como efetivos produtores de conhecimentos, assim como os grandes e consagrados mestres. Vem daí o interesse de conhecer melhor o sentido e a contribuição de seus trabalhos, assim como do seu potencial formativo.

Dos projetos de pesquisa à constituição do pesquisador: sentidos do projeto *Coepta*

Como se sabe, a adolescência marca um momento em que o sujeito se dispõe a sair de seu mundo – por vezes, a concha protetora de um ambiente estável, que lhe parece dado e por si só justificado – para (re)considerar a realidade e a sua própria existência (COLL, PALACIOS, MARCHESI, 1995). Na passagem do vivido para o problematizado, do percebido para o inteligível, o estudante, quando estimulado, pode lançar mão de significativas estratégias de reflexão e de produção do conhecimento; estratégias que tendem a forjar valores, edificar posturas e direcionar projetos de vida (ARAÚJO, ARANTES, PINHEIRO, 2020). A construção desse repertório incide não apenas na constituição da identidade, como também no modo como o jovem se posiciona e se relaciona com os outros. Destaca-se, assim, a importância dos estudos, sobretudo quando eles puderem “dialogar” com a realidade social, a responsabilidade com relação aos outros e ao meio ambiente, e o enfrentamento de problemas. Nessa ótica, compreender o “seu mundo” é a melhor forma de viver no “seu mundo”, justamente por poder vislumbrar possibilidades para a sua recriação na superação de limites e de contradições.

Seguindo esse pressuposto, o levantamento dos artigos publicados pelos estudantes nas Revistas *Coepta* dá indícios sobre os sentidos assimilados coletiva ou individualmente a partir da realização das investigações. Um estudo sobre a discriminação racial, por exemplo, pode ser abstraído genericamente por jovens que se dão conta da extensão do problema na sociedade, mas pode também ter um impacto diferenciado entre alunos brancos ao se darem conta da sua própria postura de violência simbólica, ou, ainda, para um negro que, como bolsista de uma escola particular, convive diariamente na condição de minoria sendo muitas vezes hostilizado. Em todos os casos, fica evidente o potencial formativo da atividade investigativa (um potencial ainda maior quando compartilhado pela publicação). Além disso, uma vez situados como focos de interesse, os temas estudados podem subsidiar professores no tratamento de temas transversais na escola, abrindo espaços para o desenvolvimento de projetos de educação em valores, ética e cidadania.

Por falar em sentidos, não poderíamos deixar de mencionar o impacto indireto dessas publicações para pais e familiares. Aos seus olhos, parece inacreditável que garotos e garotas entre 14 e 17 anos possam ser autores de artigos científicos! Surpresos e orgulhosos com as produções de seus filhos, eles são os primeiros a reconhecer o mérito do projeto *Coepta* como estratégia para dar sentido aos estudos, motivar a construção do conhecimento, ampliar o vínculo com a escola e estimular a

perpetuação de uma postura produtiva, crítica e autônoma. Por isso, o lançamento das revistas não poderia deixar de ser motivo de comemoração.

Dos 40 artigos publicados (um deles com triplo relato de pesquisas) nos últimos três anos, foi possível delinear 42 investigações distribuídas em nove temas que, não por acaso, foram objetos de interesse entre os jovens: saúde; arte e cultura; cidadania, violência e justiça social; efeitos da mídia; ciência e tecnologia; meio ambiente, ecologia e sustentabilidade, vida escolar e ensino; sociedade; e história.

Como tema predileto entre os jovens, a saúde - concretizada em 14 estudos sobre doenças e síndromes específicas, transtornos mentais, alcoolismo e vícios socialmente adquiridos – reflete a preocupação deles com o bem estar em uma fase da vida plena de descobertas e alternativas. Se, por um lado, estudar patologias e moléstias é um passo para compreender as dificuldades e limitações alheias, por outro, conhecer as tendências sociais de adoecimento pode ser uma porta para o estabelecimento de mecanismos de autocuidado e de preservação de si.

Menos frequentes, mas não menos importantes, as pesquisas sobre cidadania, violência e justiça social ou sobre meio ambiente, ecologia e sustentabilidade (respectivamente com seis e quatro publicações) traduzem o interesse com o mundo em que vivemos. Ao explorar temas como discriminação social, violência e acessibilidade, os alunos se mostram sensíveis à construção de uma sociedade mais justa. Por sua vez, as pesquisas sobre poluição, ecossistemas e reciclagem trazem à tona os sentidos da responsabilidade com relação ao meio ambiente e ao futuro do nosso planeta.

Com cinco artigos publicados, os trabalhos sobre arte e cultura, versando sobre cinema, filmes, seriados, mitos, arte na sociedade na periferia e na escola, procuram valorizar a diversidade e defendem as manifestações artísticas como caminhos legítimos de humanização.

Os três estudos sobre vida escolar e ensino recuperam um âmbito próximo e cotidiano, no qual o “o quê” e “o como” se ensina pode fazer diferença, não só para atender as expectativas dos jovens, como para criar uma condição melhor de aprendizagem e de convivência institucional. Embarcar nessa frente de investigação pressupõe a consciência sobre possibilidade de melhorar a educação e garantir o direito que todos os estudantes deveriam ter.

Na mesma proporção de ocorrência, a exploração de temas como os efeitos da mídia na conformação de valores e hábitos, e a sociedade nos seus modos de funcionamento são tentativas de compreender aspectos subliminares nem sempre evidentes da vida cotidiana. Ao descortiná-los, os jovens têm, ao mesmo tempo, possibilidades de vislumbrar mecanismos de opressão ou manipulação e alternativas conscientes de inserção social ou imersão no mercado de trabalho. Nessa mesma direção e quantidade de publicações, os estudos sobre ciência e tecnologia, versando sobre inovações e inteligência artificial, apontam para novas possibilidades de ser e de fazer, na medida em que sugerem alternativas para a resolução de problemas.

Registrando uma única ocorrência, um estudo histórico reflete a consciência de que a compreensão sobre o passado favorece a compreensão sobre o presente. Por essa via, valoriza o processo de construção do nosso mundo e o respeito pela História como campo de conhecimento. Além disso, o estudo comprova a viabilidade da aprendizagem pela pesquisa em áreas específicas do conhecimento. Se é possível aprender com investigações históricas, por que não com pesquisas nas áreas de Física, Química, Biologia, Literatura e Matemática?

Mais importante que o número de evocações na ordem de interesses dos jovens autores, é preciso destacar a diversidade temática, o tratamento metodológico e

a postura investigativa como formas de viabilizar aspectos muitas vezes esquecidos pelos programas escolares. Seja pela possibilidade de inovar e ressignificar a intervenção educativa na formação de estudantes, seja pela chance de fortalecer caminhos de motivação, de compartilhamento de estudos e de exploração de sentidos entre os adolescentes, fica o reconhecimento do projeto *Coepta* - um reconhecimento que valoriza o esforço dos alunos, as iniciativas docentes e, sobretudo, a possibilidade de produção ativa do conhecimento na escola.



Alunas autoras e professoras orientadoras da EMEFM Vereador Antonio Sampaio. Foto extraída da matéria da Secretaria Municipal da Educação: “Estudantes do Ensino Médio publicam artigos científicos em Revista da USP pela primeira vez” - <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/estudantes-do-ensino-medio-publicam-artigos-cientificos-em-revista-da-usp-pela-primeira-vez/1041/>



Cerimônia de lançamento das revistas *Coepta* no Colégio Luterano



Após a cerimônia de lançamento, um coquetel comemorativo para autores, família e orientadores no salão de festas do Colégio Luterano

Referências

ARAÚJO, U. F.; ARANTES, A.; PINHEIRO, V. *Projetos de vida – Fundamentos éticos e práticas educacionais*. São Paulo: Summus, 2020. Disponível em: <https://aprendendosempre.org/baix-gratuitamente-o-livro-projetos-de-vida-fundamentos-psicologicos-eticos-e-praticas-educacionais/#:~:text=Escrito%20pelos%20professores%20e%20pesquisadores,cidadania%20e%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20pessoal>. Acesso em 15/2/2021.

ARAÚJO, U. F.; SASTRE, G. (orgs.) *Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior*. São Paulo: Summus, 2009.

CARVALHO, A. M. P et al. *Ciências no ensino fundamental – O Conhecimento físico*. São Paulo: Scipione, 1998.

COLELLO, S. M. G.; LUCAS, M. A. O. F. “A reinvenção da escola: os desafios de ensinar a língua escrita”. *International Studies on Law and Education*, n. 27. São Paulo: CEMOrOc-EDF/FEUSP /Universidade do Porto – Faculdade de Direito – Instituto Jurídico Interdisciplinar, set.-dez, 2017, p. 5-12. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/05-12ColelloLucas.pdf> Acesso em 15/2/2021.

COLL, C.; PALACIOS, J. MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva*, vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREITAS, C. M.; et al. Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 117- 130, 2015.

LAUAND, J.; COLELLO, S. G. “Editorial: lançamento de ‘Convenit Internacional – coepta’”. *Convenit Internacional*, n. 30. São Paulo/Porto: CEMOrOc – FEUSP/ Universidade do Porto, 2019, p. 5-6. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit30/05-06Apresentacao.pdf> Acesso em:15/2/2021.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, I.; CASTELLAR, S. M. V. (orgs.) *Atuação profissional de professores coordenadores: aprendizagem baseada em problemas e por projetos*. São Paulo: Xamã, 2012.

Metodologia Humanista e Humanitária: descrição do projeto Cidade Educadora como práxis educativa

Alexandre Medeiros⁶

Resumo

Este material aqui apresentado é fruto da pesquisa, estudo e implantação do Projeto Cidade Educadora em uma escola de aplicação em Diadema/SP⁷. Os pensadores Paulo Freire, Josef Pieper e Jean Lauand são os referenciais teóricos para o presente trabalho. Nosso objetivo foi o de estabelecer o diálogo entre a teoria da educação humanista e a práxis da revitalização de espaço público.

Introdução

No ano de 2014 iniciamos um projeto de cuidado da praça em frente a nossa escola.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Em meio ao descaso da limpeza pública do município, nós (re)agimos, e iniciamos nossa ação social com a limpeza da praça.

⁶ Pós Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne;

⁷ Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Em 2015, demos mais um importante passo e decidimos juntamente com os alunos e familiares transformar este “limão” do abandono em que se encontrava nossa cidade, em uma “limonada” de educação, amor e cidadania para nossos jovens. Nascia no Centro de Estudos Júlio Verne o Projeto Cidade Educadora.

Na verdade o Projeto Cidade Educadora

...começou como um movimento, em 1990, com base no I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, quando um grupo de cidades representadas por seus governos locais, pactuou o objetivo comum de trabalhar juntas em projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, a partir da sua participação ativa na utilização e evolução da própria cidade (MEC, 2011).

O princípio básico de uma cidade educadora é “aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas da cidade” (MEC, 2011). Um belíssimo exemplo é a cidade de Rosário, Argentina. A cidade promoveu transformações urbanísticas e colocou em prática projetos para criar espaços públicos de convivência, com a aproximação entre educação, saúde e cultura (CIDADE EDUCADORA, 2018).

Para os idealizadores do Projeto Cidade Educadora, as escolas desde o século XIX tendiam a concentrar todas as atividades num único lugar, mas no século XXI isto não é mais cabível. Para eles o presente momento exige que a educação transcenda as paredes das salas de aula. A ideia principal é seguir os passos da cidade de Rosário – Argentina, ou seja, buscar na revitalização dos espaços públicos uma extensão das salas de aula. O ambicioso projeto prevê que tudo na cidade seja pensado para que os estudantes possam viver o entorno das escolas como locais de aprendizagem e cidadania. O projeto privilegia a história, as artes, a música e a natureza (CIDADE EDUCADORA, 2018).

Projeto Cidade Educadora: a experiência do Centro de Estudos Júlio Verne

Em 2015 iniciamos uma grande limpeza da praça, envolvendo todos os alunos e alunas, bem como toda equipe do Júlio Verne. Em 2016 pintamos os muros da praça, instalamos lixeiras, implantamos a limpeza diária e troca de sacos de lixo, bem como o cuidado em cortar o mato e o incentivo ao plantio de árvores no espaço (com a devida

autorização da prefeitura naquela data), como processo dessa revitalização (continuamos com essa manutenção até hoje).



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Em 2017, as borboletas transformaram a praça numa verdadeira maternidade de casulos: um espetáculo da natureza. Naquele ano nossos alunos experienciaram as aulas de biologia em plena praça, rodeados de casulos e borboletas.

O ano de 2018 foi muito especial. Primeiramente porque a praça se transformou num lugar de inspiração poética, depois porque um grupo de mães resolveu juntamente com a escola, montar um bazar do consumo sustentável, para arrecadar recursos para ampliarmos nossa ação social na praça.

O Bazar foi um sucesso, naquele ano conseguimos os recursos necessários para um projeto mais ambicioso: revitalizar a quadra poliesportiva (que pertence à praça). A quadra pública da praça não possuía tabela de basquete. O único esporte realizado ali era o futebol. Nosso ambicioso projeto em 2019 através dos recursos do bazar e da participação financeira do nosso Centro de Estudos conseguiu comprar tabelas de basquete, aros flexíveis oficiais, contratar serralheiro que revitalizou o

suporte das tabelas de basquete, um pintor que nos auxiliou na pintura e delimitação das mais diversas modalidades.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Numa tarde de junho de 2019, nossa equipe concluiu a instalação das tabelas, a pintura e plantou a semente do basquete na região (junto com sementes de maracujá...).



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Uma semente de amor, cuidado e preservação foi lançada. Talvez alguns não acreditem nos frutos de um trabalho como este, mas nossos alunos foram os primeiros a contemplarem os brotos do maracujá e a tomarem o seu suco.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Nossos alunos foram também os primeiros a ver os jovens da vizinhança chegando com suas bolas de basquete, suas roupas típicas do esporte e suas caixas de som, dando os primeiros arremessos depois de mais de 30 anos sem a prática do esporte no local.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

No final de 2020 e início de 2021, tivemos a alegria de ver a comunidade assumindo o espaço revitalizado e se apropriando do lazer agora disponível. Numa ação conjunta: Prefeitura de Diadema, Projeto One Fire e comunidade, o espaço foi totalmente pintado com as cores do novo projeto, os eventos e campeonatos começaram a acontecer e a manutenção do local passou para o encargo destes. Definitivamente o basquete voltou com toda a sua força para a região. O sonho do Centro de Estudos Júlio Verne foi concretizado.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Quando iniciamos este projeto em 2014 em meio à sujeira e ao abandono, a revitalização da praça era apenas uma esperança. Hoje, alguns anos depois, ele já é uma realidade. Quem não acredita na revitalização deste espaço? Quem não acredita que nosso país também pode ser revitalizado? Por meio deste exemplo de esforço, iniciativa e dedicação, podemos acreditar que os frutos do empenho, estudo e trabalho serão alcançados. Podemos começar a acreditar – se depender desses alunos e profissionais – em um futuro melhor para a “nossa praça” e para a sociedade e o país.

O Projeto Cidade Educadora não termina nunca. Nossos alunos a cada dia, a cada semana, são levados a circular pelas ruas no entorno da escola. São conduzidos para nosso Centro Cultural, vendo o trabalho da floricultura, da escola de gastronomia, do sapateiro, do correio. Nesta travessia, os problemas da cidade não são escondidos, mas percebidos. A beleza da Feira Livre e o delicioso pastel não são esquecidos, o preço das frutas e verduras são anotados e o pastel saboreado.



<https://www.julioverne.com.br/projeto-nossa-praca/>

Considerações finais

Existe uma oportunidade de aprendizado no entorno das escolas, que não está sendo aproveitada. Crianças e jovens que vivem na sua maioria em apartamentos e condomínios, pouco ou quase nada sabem sobre o funcionamento de uma cidade. As crianças não possuem lugares e espaços para experimentar os desafios e alegrias da realidade cotidiana. Sendo assim, a educação não pode desconsiderar estes saberes escondidos na realidade cotidiana (FREIRE, 2017, p. 79). A ideia é usar os saberes disponíveis na cidade, para complementar os princípios e conceitos adquiridos em sala de aula. O exemplo bem-sucedido da cidade de Rosário na Argentina (CIDADE EDUCADORA, 2018) e do Centro de Estudos Júlio Verne em Diadema/SP, pode e deve ser imitado.

Dessa forma, os espaços comerciais, artísticos e culturais seriam incluídos na realidade estudantil. O intuito deste projeto como já mencionamos é “aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas da cidade” (MEC, 2011).

É óbvio que para implantar estes princípios de exploração do entorno das escolas, se faz necessário uma equipe de monitores preparados e treinados, que acompanham a professora com seus alunos nesta tarefa. Sair da sala de aula já é uma aventura para os alunos, sair da escola e andar pelas calçadas, ruas e praças é quase como uma expedição em busca de tesouros escondidos (FREIRE, 2017, p. 79).

A formação deve abordar o contorno geográfico da escola, do professor e do educando (FREIRE, 2017, p. 133-134). Embarcar nesta aventura é um motivo para alegria e para uma festa do saber (PIEPER, 1974, p. 32; LAUAND, 2012, p. 33), sair pelas ruas explorando cada saber que vai sendo “desnudado” (FREIRE, 2017, p. 79).

Como diz Paulo Freire, é preciso ir lendo o mundo, identificando o contexto em que as pessoas vivem. Assim vou coletando e colhendo os saberes. É a “explicação do mundo”, que está escondido nos saberes populares. Segundo Freire, se faz necessária a “leitura do mundo”, que precede a “leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p. 78-79).

Os educadores precisam pensar as ruas, os teatros, as escolas de dança, como território educador. Quando a criança anda pelas ruas no entorno da escola, e ela vê um adulto trabalhando, vê um vendedor ambulante, presencia um protesto, uma manifestação, ela vê uma sociedade real, e se encanta pela cidade que vive. Os parques da cidade são espaços de contemplação, de lazer, de trabalho, e de aprendizado. Afinal o *Ser* se humaniza e vai humanizando o mundo através da comunhão humana (FREIRE, 1977, p. 5-6). Nesta travessia educadora se constrói o humano (CIDADE EDUCADORA, 2019).

Referências Bibliográficas:

CIDADE EDUCADORA. SECRETARIA DA CULTURA E EDUCAÇÃO DA
CIDADE DE ROSÁRIO – Argentina – *Cidade Educadora*. Canal Futura.
Escolas Inovadoras - Publicado em 05 de set de 2018 - <

<https://www.youtube.com/watch?v=3PpyBbrcqpE> > – acessado em 05/09/2019

CONGRESSO CIDADES EDUCADORAS – 1º. *Encontro Insuper Cidades Educadoras* – 30/11/2019 (Dia Internacional das Cidades Educadoras)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro & São Paulo: Paz e Terra, 2017

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1977

LAUAND, Jean, *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc - Feusp/IJI-Univ. do Porto, 2012

MEC, Ministério da Educação - *Cidades Educadoras* - < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9272-apresentacoes-rede-brasileira-cidades-educadoras-pdf&category_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192 > – acessado em 13/11/2019 – Projeto de outubro de 2011

PIEPER, Josef. *Una Teoria de la Fiesta*. Madrid: Ediciones Rialp, 1974

UNESCO - United Nations for Educational, Scientific and Cultural Organization - < <https://www.julioverne.com.br/unesco/unesco> > acessado em 04/12/2019

A chuva, os átomos e o ser

João Sérgio Lauand⁸

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”, apresenta em tom coloquial algumas discussões sobre as diferentes visões de resultados da Física contemporânea.

Palavras Chave: Física Contemporânea. Filosofia. Religião.

Rain, Atoms and Being

Abstract: This paper, originally a communication to the II Encontro Cemoroc Educação, discusses in a colloquial way, some points of view on contemporary Physics.

Keywords: Contemporary Physics. Philosophy. Religion.

As reflexões a seguir foram motivadas pela repercussão que teve na mídia o anúncio da descoberta da Partícula de Deus. Nos jornais, televisões, mesas de bares ela foi assunto de debates e parece que sua fama durou pouco mais que sua existência, que segundo os físicos é bem inferior a um mísero segundo. Cogitou-se até que a procura por ela poderia levar-nos ao fim do mundo, mas como poderia dizer este, parafraseando Mark Twain, as notícias sobre seu fim eram um pouco exageradas.

E é que nossa visão do mundo é muito influenciada (como não poderia deixar de ser) por nossa condição, e, de determinado ponto de vista, pode ser basicamente de um dos tipos a seguir: a do homem comum, a do cientista (do físico) e a do metafísico. Parece claro que para educar bem é necessário ter em alta conta a visão de mundo com a qual estamos lidando.

O homem ou mulher comuns vêem o mundo com seus olhos simples. Sua preocupação é com o tempo, se vai chover, com o almoço, se a verdura estará fresca, se seu time vai ganhar no domingo ou se não haverá outra mulher com a mesma blusa na festa. Está habituado ao mundo e à vida como são, e gosta deles desse jeito, sem necessidade de mais explicações. Se ouvir David Hume dizer que nada garante que o sol vai nascer amanhã, vai concordar com um sorriso e, assim que puder, chamar o hospício.

Outra é a visão do físico: procura explicações para o que vê (e para o que não vê) que possa justificar por critérios que ache confiáveis. Se chove é porque havia umidade e algum motivo para esta se precipitar. Ele pode prever sua incidência e determinar sua composição. O frescor das verduras tem causas químicas e pode ser analisado. Seu mundo se rege por leis que ele tenta conhecer e aproveitar para sua utilidade, comodidade e segurança.

⁸. Doutor em Educação pela FEUSP.

Já o filósofo tem um tipo de olhar sobre seu ambiente e sua vida diferente dos outros dois: ele se pergunta por que chove água e não pedras, por que existem a água e as pedras, por que ele mesmo existe. Como se vê, essa posição é próxima da visão religiosa que responde à pergunta sobre os últimos porquês com a Vontade de Deus.

De certa forma há uma relação de amor e ódio entre as três posturas. Por um lado, temos em diferentes ocasiões um pouco de cada uma delas. O físico que joga futebol não considera a consistência da bola nem as leis de Newton sobre lançamento de projéteis: ela a chuta, quer fazer o gol e briga se o juiz não apita a favor de seu time.

O homem de fé que faz ciência, muitas vezes vai pensar que aquilo que está estudando tem muito que ver com suas crenças religiosas, mas sabe também que não encontrará no trabalho as provas do que acredita, pois estas estão em outra ordem de coisas.

A surpresa com o mundo que nos cerca

Todo aquele que estudou algo de filosofia sabe que os gregos atribuíam o início do filosofar à admiração com as coisas. Elas estão ao nosso redor e nos acostumamos com elas: pedras, árvores, automóveis. Mas... tinha que ser assim?

A resposta a essa pergunta foi dada por inúmeros pensadores, cada um de sua forma: “No princípio Deus criou o Céu e a Terra”; “este é o melhor mundo possível”; “por que o ser e não o nada?”.

Basicamente poderíamos reunir as respostas em três grandes grupos. O pensamento judaico- cristão diz que o mundo foi criado por Deus, no início do tempo, a partir do nada. Outros pensam que nosso mundo é eterno e fruto do acaso. Um terceiro grupo diz que Deus se confunde com a própria matéria, que é eterna.

A Filosofia e Ciência ocidentais tiveram seu início na Grécia e não havia uma separação entre seus conhecimentos: tudo era filosofar. Somente a partir de Descartes, Galileu e Newton elas foram se separando.

A Ciência era, na definição clássica, conhecimento certo pelas causas. Até esse momento os argumentos eram de autoridade, baseados na palavra de alguém em quem se podia confiar, fossem as Sagradas Escrituras ou um grande sábio antigo, que dificilmente poderia ser contestado, como Aristóteles, Pedro Lombardo ou Tomás de Aquino. Com a Ciência moderna passou-se a exigir não um argumento de autoridade, mas evidências práticas ou racionais.

Um dos primeiros grandes sistemas de explicação do nosso mundo foi o conjunto de leis de Newton sobre a Mecânica, que contribuiu para fazer que se considerasse seu autor um dos maiores físicos e gênios reconhecidos por todos. Ele elaborou um sistema elegante e preciso de explicação das leis do movimento em nossa vida diária. Encontrar as leis que explicam a gravidade, inércia e ação e reação foi um grande feito.

A Origem do nosso mundo

Nessa altura, os cientistas começavam a avançar no conhecimento do nosso mundo, mas não estavam ainda em condições de formular uma teoria para sua origem. Seu conhecimento foi avançando, vieram as teorias da Relatividade, a Mecânica Quântica e apareceu uma teoria para a história da nossa Terra: o Big Bang.

Antes de considerarmos essa teoria, vamos ver como os filósofos encaram essa questão. Uma das perguntas centrais a esse respeito é: este nosso velho mundo é

eterno ou criado? Sempre existiu ou teve um começo no tempo? Como já dissemos, o pensamento cristão opta pela segunda resposta: foi criado e teve um começo. Estamos aqui bem no centro de uma questão mais filosófica que científica, já que não é possível (ao menos com os conhecimentos que temos hoje) ter acesso a esse momento de criação ou de eternidade. Outros vão optar pela outra resposta.

Tomás de Aquino apresenta uma questão interessante. Ele diz acreditar que nosso mundo teve um começo, por tratar-se de um dado revelado em sua crença. E se pergunta: posso dizer o mesmo racionalmente, ou, em outras palavras, seria um absurdo dizer que o mundo pode ser eterno, é algo que contraria nossa racionalidade? Sua resposta é não! Não é um absurdo, para ele o mundo poderia ser eterno, embora ele não acredite que seja assim.

Mas vamos então ao Big Bang. Com o avanço das ciências da Astronomia, Cosmologia, da Física em geral e muito especialmente na resolução das Equações de Einstein da Relatividade Geral chega-se a algumas possibilidades sobre a forma geométrica e a evolução temporal do Universo. A partir de observações astronômicas, como a velocidade e distâncias entre as galáxias, verifica-se a mais adequada. Sabe-se assim que nosso mundo está em expansão e que sua forma é variável.

A partir de medidas de uma radiação homogênea e isotópica e das quantidades precisas de elementos químicos se construiu o que se chama “modelo padrão”, que afirma que nosso Universo começou há aproximadamente 15 bilhões de anos. Havia nesse momento um átomo primitivo em condições absurdas de pressão e temperatura, o que provocou uma enorme expansão, chamada de Big Bang. Como sempre, essa teoria provocou grandes discussões e posições inflamadas, contra e a favor. Além de ser uma teoria nova e polêmica, ela tem muitas implicações filosóficas e teológicas. Não é difícil sentir-se tentado a considerar esse como o momento da Criação Bíblica, ou ao contrário, a rejeitar essa teoria, apesar das evidências científicas, pela sua semelhança com a teoria da Criação.

A Gravidade e a Partícula de Deus

Uma das questões que sempre intrigou muito os físicos é a da Gravidade. Newton decifrou-a bastante mas não consegue justificá-la, dizer porque matéria atrai matéria.

Einstein mostrou que o espaço e o tempo não são absolutos e que o espaço perde sua simetria nas proximidades de uma massa considerável.

O físico inglês Higgs formulou em 1964 a hipótese de que deve haver uma partícula, o bóson de Higgs, extremamente instável e que seria o responsável pela criação das forças gravitacionais. Se ele não existisse, não haveria também gravidade e nosso mundo seria bem diferente, se é que seria alguma coisa.

A grande dificuldade estava em passar da teoria, da resolução de equações à prática do laboratório e encontrar esse bóson.

Foi por isso que foi construído esse enorme Observatório e Acelerador de Partículas, que finalmente encontrou o que a comunidade científica julga, com chance mínima de erro, que seja a partícula procurada.

A hipótese mais aceita para seu nome é a de que um físico, prêmio Nobel, escreveu um livro sobre a partícula e, como era procurada e nunca encontrada, queria chamá-la a “Partícula Maldita”, em inglês *Goddam Particle*. Seus editores recusaram-se a batizá-la assim e optaram por *God Particle*, “Partícula de Deus”, mais sugestivo e propositalmente dúbio.

Insinua-se que Deus teria algo a ver com essa partícula, mas isso é algo que escapa totalmente da visão física e científica da questão, estaria situado mais na visão filosófica ou religiosa.

Considerações finais

Apesar de seu nome, a Partícula de Deus, não desvenda nenhum segredo sobre a Criação ou a Origem do Universo. Pelo menos, não mais que todas as outras descobertas que já foram feitas.

Voltando às visões apresentadas no início deste trabalho, ela está no terreno da Ciência, não no do homem comum, nem do filósofo ou religioso. Os cientistas são muito ciosos de extrapolar suas descobertas a outros terrenos. Há muitos cientistas com fé, mas ainda que esta possa se apoiar em seu trabalho, este não é decisivo para chegar àquela.

A Partícula de Deus pode fortalecer para muitos a teoria do Big Bang e sua proximidade com o relato da Criação. Mas muitos outros vão dizer que esses dois fatos não têm nenhuma relação: um está no campo científico e o outro no filosófico.

Ausência (oni)presente

Enio Starosky⁹

Resumo: Este artigo, a partir do ponto de vista teológico cristão, pretende trazer a inquietante questão do sofrimento humano, e descrever como uma das faces do Criador – sua ausência onipresente – acontece em Jó e na vida de muitos em toda a história humana.

Palavras Chave: Livro de Jó; condição humana; ausência de Deus; mistério.

Abstract: This article, from the point of view of Christian Theology, aims to bring the troubling question of human suffering, and describe how one of the Creator sides - the omnipresent absence - happens on Job's and on the lives of many throughout human history.

Keywords: Book of Job; human condition; God: absence and mystery.

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço ! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. –” Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela agüinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa 1976 pp : 20-21)

Frequentemente ante a perplexidade de tragédias – como as do 11 de setembro, tsunamis, furacões, massacres, crimes hediondos etc. – surge o problema da existência do mal: se Deus é o sumo bem, como explicar o mistério do mal (ou da maldade...)? Como Deus permite que inocentes sejam vítimas de crueldades?

Uma simples busca no Google indica meio milhão de sites contendo a pergunta “Where was God?” junto com a expressão “World Trade Center”! Não é de estranhar que muitos deles remetam a um clássico bíblico: o livro de Jó, sempre evocado quando se discute o mistério do sofrimento dos justos.

Isso vale tanto para o sofrimento individual, como para o de nações ou épocas: Jó é o personagem que perpassa os tempos difíceis da Idade Média, já anunciado por Agostinho, quando contempla o saque de Roma pelos bárbaros em 410.

Para os romanos, um caso de impacto comparável ao do atentado ao WTC. Após séculos de perseguição, os cristãos, finalmente, são acolhidos e mais: o Império se torna oficialmente cristão... e pouco depois: Roma, a que fora invicta, é devastada por bárbaros...

A reação do romano Agostinho – e dos romanos em geral – é de perplexidade, que, no bispo de Hipona, dá lugar a uma reflexão sobre a teologia da História: a

⁹ Doutor em Ciências da Religião pela UEMESP. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

grandiosa obra *Sobre a Cidade de Deus*, precedida pelo célebre Sermão *De urbis excidio*, no qual chora por Roma: “Não, irmãos, não nego o que ocorreu em Roma. Coisas horríveis nos são anunciadas: devastação, incêndios, rapinas, mortes e tormentos de homens. É verdade. Ouvimos muitos relatos, gememos e muito choramos por tudo isso, não podemos consolar-nos ante tantas desgraças que se abateram sobre a cidade.” (Agostinho 2009, p. 22)

E, claro, a meditação sobre o livro de Jó; a citação é longa mas digna de reprodução, como uma espécie de paradigma para todos os tempos:

No entanto, meus irmãos (que vossa caridade preste especial atenção às minhas palavras), ouvimos a leitura do santo Jó, que perdeu tudo: os bens e os filhos. E até a própria carne - a única coisa que lhe restava - não lhe ficou sã, mas coberta por uma chaga da cabeça aos pés. Ele sentava-se no esterco, com as feridas podres, sofrendo a corrupção do corpo, cheio de vermes, torturado por tormentos insuportáveis (Jó 2.7). Se nos tivesse sido anunciado que toda a cidade de Roma, vejam bem: a cidade toda, esteve sentada como Jó, sem nada sã, com uma chaga terrível, comida pelos vermes, podre como os mortos, não seria isto mais grave do que aquela guerra?

Penso que é mais tolerável sofrer a espada do que os vermes; jorrar o sangue do que destilar a podridão. Quando vemos um cadáver corrompendo-se, horrorizamo-nos; mas isso é atenuado pelo fato de estar ausente a alma.

Jó, porém, sofreu a corrupção em vida, com a alma presente à dor, a alma atada ao sofrimento, inclinada a blasfemar. E Jó suportou a tribulação e, por isso, elevou-se a uma santidade grande. Não importa o que um homem sofra, mas como ele se comporta no sofrimento. O homem, não está em tua mão sofrer ou não sofrer, mas sim se no sofrimento tua vontade se degrada ou se dignifica.

Jó sofreu. Só sua mulher lhe foi deixada e isso não para consolação mas para tentação; não para lhe suavizar os males, mas para aconselhá-lo a blasfemar: "Amaldiçoa a Deus, diz-lhe, e morre!". Vejam como, para ele, morrer seria um benefício, mas esse benefício ninguém lho dava.

Todas as aflições que esse santo sofreu exercitaram-lhe a paciência, provaram-lhe a fé para refutar a mulher e vencer o diabo. Que grande espetáculo! Em meio da infecta podridão, brilha a beleza da virtude. Um inimigo oculto, que corrói seu corpo e uma inimiga manifesta que o quer induzir ao mal, mais companheira do diabo do que de seu marido; ela, uma nova Eva, mas ele, não já um velho Adão. "Amaldiçoa a Deus e morre!". Arranca com a blasfêmia o que não podes obter com tuas preces. "Falaste, responde-lhe Jó, como uma mulher insensata" (Jó 2.10). Reparai bem nas palavras desse forte na fé; desse que está podre por fora, mas íntegro por dentro.

"Falaste como uma mulher insensata. Se recebemos os bens das mãos de Deus, por que não receber os males?". Deus é pai, e acaso havemos de amá-lo só quando nos agrada e rejeitá-lo quando nos corrige? Acaso não é Pai tanto quando nos promete a vida como quando nos disciplina? Esquecemo-nos do Eclesiástico (2.1,4 e 5)? "Filho, quando te aproximas do serviço de Deus, permanece na justiça e no temor, e prepara a tua alma para a provação. Aceita o que vier e suporta a dor, e na tua humilhação guarda a paciência. Porque o ouro e a prata se provam pelo fogo, mas os homens se tornam gratos a Deus pelo

cadinho da humilhação". Esquecemo-nos da Escritura? (Prov 3.12; Hbr 12.6): "Deus repreende aquele a quem ama; e castiga a quem reconhece como filho".

Por acaso a debulhadora que lança ao ar a espiga para que se quebre não é a mesma que faz sair o grão puro? E o fogo que alimenta a fornalha do ourives e purifica o ouro das impurezas, não é o mesmo que consome a palha? Assim também a tribulação de Roma serviu para a purificação ou salvação do justo e para a condenação do ímpio: arrebatado desta vida para, com toda a justiça, sofrer mais penas; ou, permanecendo nesta terra, para tornar-se um blasfemador mais culpável. Ou ainda, pela inefável clemência de Deus, poupando para a penitência aqueles que, por ela, hão de salvar-se. Não nos confunda a tribulação que os justos sofrem; é uma provação, não a condenação." (Agostinho 2009, p. 22-24)

Nessa linha, retomemos hoje o diálogo com Jó.

Por vezes, o modo usual de tratar a humanidade e o mundo é alterado pelo Criador. Jó é um exemplo clássico disso. Ele é uma espécie de herói sofredor com quem nutrimos certa empatia. Sua história representa os sofredores de todos os tempos. Jó fala das suas infelicidades, da sua revolta contra Deus e de suas angústias. Em vários trechos a ênfase é que o ser humano convive com situações incompreensíveis e precisa render-se ao fato de não estar no comando e no controle de tudo e que nem sempre as certezas são os elementos mais importantes para uma vida equilibrada.

No capítulo 30 ele diz:

Já não tenho vontade de viver; o desespero tomou conta de mim. De noite os ossos me doem muito; a dor que me atormenta não para. Deus me agarrou pela garganta com tanta violência, que desarrumou a minha roupa. Ele me atirou na lama; eu não valho mais do que o pó ou a cinza. Ó Deus, eu clamo pedindo a tua ajuda, e não me respondes; eu oro a ti, e não te importas comigo. Tu me tratas com crueldade e me persegues com todo o teu poder. Fazes com que o vento me carregue e numa tempestade violenta me jogas de um lado para outro. Bem sei que me levarás à Terra da Morte, o lugar de encontro marcado para todos os vivos. Por que atacas um homem arruinado, que não pode fazer nada, a não ser pedir piedade? Por acaso, não chorei com as pessoas aflitas? Será que não tive pena dos pobres? Eu esperava a felicidade e veio a desgraça; eu aguardava a luz, e cheguei a escuridão..."¹⁰

A história de Jó tem algo que fascina. Porque a história de Jó é também a história de muitos ainda hoje. Parceiros de Jó, muitos continuam fazendo perguntas. Perguntas simples, mas que, diante do incompreensível e misterioso, reverberam no fundo da alma humana: "Ei! Será que tem um final feliz pra mim aí"?

Oramos e parece que Deus não responde; clamamos e ele parece permanecer mudo; imploramos, pedimos como mendigos, elevamos ao céu súplicas e não somos atendidos; não veio resposta, tudo ficou silencioso e as lágrimas continuaram rolando. São os tormentos íntimos que surgem à espera de respostas desde Adão, como esses expressos em forma de grito pelo salmista: "*Acorda, Senhor! Por que estás dormin-*

¹⁰ Livro de Jó 30. 16-26 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

*do? Levanta-te. Não nos rejeites para sempre? Por que te escondes de nós? Por que esqueces dos nossos sofrimentos e das nossas aflições?”*¹¹ Será possível dizer algo para iluminar o mistério da ausência, do silêncio, do ocultamento de Deus na vida humana?

De saída é preciso dizer que ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na conta dos próprios limites e sem cair na conta também do próprio mistério. Quando expressamos a antiga máxima socrática "Conhece-te a ti mesmo" (Γνώθι σαυτόν) – que é um desejo que todos têm – esta sempre vem acompanhada da certeza de que até o conhecimento de si mesmo é algo que nunca acabamos de realizar – completada por aquela outra máxima atribuída ao mesmo Sócrates: “Sei que nada sei”.

Ora, se esta constatação já é inevitável em relação a nós mesmos, quanto mais em relação ao conhecimento de Deus!? Portanto, ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na realidade dos próprios limites e sem cair na realidade do próprio mistério. No entanto, o mistério de Deus é dizível, ou seja, respeitadas os devidos limites do conhecimento humano, é, sim, possível falar sobre esse Deus misterioso. É respeito ao Criador, pois o ser humano foi criado inferior somente a Ele mesmo, conforme o Salmo 8: “...fizeste o ser humano inferior somente a ti mesmo e lhe deste a glória e a honra de um rei”.¹² Esta consciência de enxergar a capacidade humana é coerente com toda a Escritura. Deus não sente ciúmes da inteligência humana; pelo contrário, dotou o ser humano de razão e de todos os sentidos e os conserva, fazendo com que a realidade criada seja o que é e possa ser percebida pelo ser humano, rei da sua criação. No Gênesis há uma ordem dada por Deus ao homem: “Governai e sujeitai a terra”, demonstração inequívoca de que, embora com limites específicos de ser criado, o Criador deu ao ser humano um lugar de destaque: a honra e a glória de um rei.

Mesmo que não se torne fenômeno (Deus não se deixa ver – ao menos não do jeito que podemos ver os entes criados), é espantoso como Deus se apresenta na Escritura. Por um lado, Deus se apresenta como misterioso, como escondido (onde não se pode ver), como segredo que não pode ser conhecido nem captado, compreendido ou explicado, por outro ele é um Deus que se revela e é pessoal. Não como uma força do mundo, uma força cósmica, mas como uma pessoa que se manifesta, que diz o que quer, que fala, que é Criador e Senhor do cosmos. O fato de Deus ser misterioso não se opõe a que Deus se revele, nem que se revele como mistério, como aquele que não pode ser possuído nem utilizado, nem tratado como um objeto sujeito à experiência ou problema matemático quantificável. Essa presença, que, ao mesmo tempo, se oculta em mistério e se revela de maneira pessoal, faz com que Jó perceba como um grande mistério. Como “só aos poucos o escuro é [se faz] claro”, no dizer de Guimarães Rosa,¹³ pretendemos apresentar uma resposta a esta questão tão profunda, mas também tão próxima da experiência de cada ser humano – da ausência (oni)presente de Deus –, a partir do ponto de vista teológico cristão com fundamentação em textos bíblicos. Deles, aos poucos, trazer alguma clareza sobre perguntas nada incomuns que sobrevêm até mesmo a quem não sofre tanta pressão na vida como sofreu Jó.

Entender Deus plenamente

Guiado pela mão de Deus, escreveu o profeta Isaías:

¹¹ Salmo 44. 23 e 24 - Idem

¹² Salmo 8.5 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹³ ROSA, J. G. Meu tio o Iauaretê. *Estas estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Quem mediu a água do mar com as conchas das mãos ou mediu o céu com os dedos? Quem, usando uma vasilha, calculou quanta terra existe no mundo inteiro ou pesou as montanhas e os morros numa balança? Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem lhe deu lições ou ensinamentos? Quem lhe ensinou a julgar com justiça ou quis fazê-lo aprender mais coisas ou procurou lhe mostrar como ser sábio? Com quem Deus pode ser comparado? Com o que ele se parece?... Será que vocês não sabem? Será que nunca ouviram falar disso? Não lhes contaram há muito tempo como o mundo foi criado? O Criador de todas as coisas é aquele que se senta no seu trono no céu; ele está tão longe da terra, que os seres humanos lhe parecem tão pequenos como formigas.¹⁴

Também nesse sentido o apóstolo Paulo registrou (provavelmente recitando os textos de Isaías 40 e de Jó 41):

Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria. Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender seus planos? Como dizem as Escrituras Sagradas: ‘Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem já deu alguma coisa a Deus para receber dele algum pagamento? Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo existe por meio dele e para ele’.¹⁵

E ainda no mesmo livro o apóstolo escreveu: “*Mas quem é você, meu amigo, para discutir com Deus? Será que um pote de barro pode perguntar a quem o fez: por que você me fez assim?*”¹⁶

De fato, Deus é tão grande que não o compreendemos plenamente! Pois...

O estilo de Deus é viver escondido – na obscuridade

No livro do profeta Isaías isso fica bem claro: “*Tu verdadeiramente és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador*”.¹⁷ Este ocultamento é glória para Deus conforme Provérbios: “*Respeitamos a Deus por causa daquilo que ele esconde de nós; e respeitamos as autoridades por causa daquilo que elas nos explicam*”.¹⁸

Quando o templo de Jerusalém foi dedicado, o recinto encheu-se de uma nuvem espessa; foi então que Salomão explicou: “*Ó Senhor Deus, tu resolveste viver entre as nuvens escuras.*”¹⁹ É no paradoxo da nuvem escura durante o dia e iluminada durante a noite, como no êxodo dos israelitas, que Deus se revela e ao mesmo tempo se oculta. Ao despertar do sono, depois de ter visto a escada, Jacó exclamou: “*De fato, o Senhor Deus está neste lugar, e eu não sabia disso.*”²⁰

Só Deus sabe quantas vezes se repete em nossa vida: Ele estava lá “*e eu não sabia*”. A atividade de Deus, por vezes, está oculta ao homem, porém onipresente. Jó desola-se diante dessa presença oculta que é sentida como ausência: “*Eis que ele*

¹⁴ Livro de Isaías 40. 12-14. 18-22 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹⁵ Livro de São Paulo aos Romanos 11.36 – Idem

¹⁶ Livro de São Paulo aos Romanos 9.20 – Idem

¹⁷ Livro de Isaías 45. 15 – Tradução da Vulgata – Edições Paulinas, 1982

¹⁸ Livro de Provérbios 25.2 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹⁹ Livro de 2º Crônicas 6.1 – Nova Tradução na Linguagem de hoje - SBB

²⁰ Livro de Gênesis 28.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

*passa por mim, e não o vejo. Ele se vai sem que eu o perceba*²¹. Este é o mais “visível” e “palpável” regime da fé. Deus *“habita uma luz inacessível, o qual nenhum homem viu nem pode ver.”*²² Quando Moisés desejou ver a face de Deus, recebeu a resposta: *“Não poderás ver a minha face, pois homem algum poderia ver e viver.”*²³ Esse é o estilo de Deus. Sábia é a atitude do homem que, pelo menos, experimenta observar as coisas – particularmente as questões aflitivas e inquietantes da vida – a partir do olhar alheio, nesse caso, a partir do olhar de Deus. Afinal, “aquele que só conhece seu próprio lado da questão, pouco sabe dela”.²⁴

Ainda incapazes de ver claramente

Colocados sob a cruz, na Sexta-Feira-Santa, os discípulos nada compreenderam. Achavam tudo aquilo um absurdo. Os dois discípulos que, no domingo pascal, iam para Emaús, ilustram bem este fato. Receberam do Senhor ressuscitado - que ocultado andava com eles – um grande “puxão de orelhas” em relação ao “só creio vendo”: *“Como vocês demoram a entender e a crer em tudo o que os profetas disseram.”*²⁵ À luz da Páscoa tudo ficou claro! Isolada a cruz não tinha sentido, no conjunto, contudo, era absolutamente necessária. Assim também acontece muitas vezes na vida humana. Muitas situações, principalmente as aflitivas, quando Deus parece calar-se, quando dá a impressão de não escutar, quando pensamos que estamos totalmente abandonados, a ponto de gritar, como fez Jesus na cruz: *“Deus meu, Deus meu!”*, justamente então, quando nada entendemos, *pode ser que estejamos vivendo momentos altos e decisivos de nossa vida*. Enquanto no mundo, a cristandade está sujeita ao regime da fé, guiada pelo Criador, sim, mas, por vezes, sem ver nitidamente os seus propósitos. Por entre os altos e baixos, as virtudes e os pecados, as luzes e as sombras, os sorrisos e as lágrimas, Deus conduz os fios da história de cada ser humano. Como Deus consegue conciliar a liberdade humana com a sua ação para realizar exatamente seus planos, sobre isso não somos suficientemente informados. Deus costuma servir-se de meios insignificantes e até “loucas” para realizar seus desígnios. É emblemática a descrição do Apóstolo Paulo:

Deus não deixou que os seres humanos o conhecessem por meio da sabedoria deles. Pelo contrário, resolveu salvar aqueles que creem e fez isso por meio da mensagem que anunciamos, a qual é chamada de “louca”. Os judeus pedem prova, e os não-judeus procuram a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo crucificado – uma mensagem que para os judeus é ofensa e para os não-judeus é loucura. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser a loucura de Deus é mais sábio que a sabedoria humana, e aquilo que parece ser a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana.²⁶

Uma belíssima descrição dos limites do conhecimento humano. A atitude e a ilusão de que o ser humano tem a possibilidade de ver tudo claramente, de dominar todas as coisas neste imenso universo é duramente golpeada. Fica exposta – parece não haver melhor demonstração que essa – a tolice das vaidades humanas. De uma só

²¹ Livro de Jó 9.11 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²² Primeiro Livro de São Paulo a Timóteo 6.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²³ Livro de Êxodo 33.20 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²⁴ John Stuart Mill, Da Liberdade, p. 32

²⁵ Evangelho de Lucas 24.25 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

²⁶ Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 1.18-24 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

vez combate-se tanto o orgulho como o desespero, dois monstros que frequentemente assombram a consciência humana e a colocam na encruzilhada: “não preciso de Deus – sou a medida de todas as coisas!” ou “Nada, nem Deus, pode me ajudar!”.

Com razão a sabedoria popular diz que: “o futuro a Deus pertence”. Uma maneira simples de dizer que não há controle absoluto sobre o futuro. Em “Cartas de um diabo a seu aprendiz”, C. S. Lewis diz:

Deus não quer que os homens ofereçam suas almas ao Futuro. O ideal de Deus é o homem que depois de ter trabalhado o dia inteiro pensando na posteridade (se essa for a sua vocação), logo depois esquece completamente o assunto e o deixa ao encargo do Céu, retornando imediatamente ao estado de paciência e gratidão que o presente exige. Nós [os diabos], no entanto queremos um homem atormentado pelo Futuro – assombrado por visões de um céu ou de um inferno iminentes sobre a Terra... e dependente por sua fé no sucesso ou no fracasso de planos cujo objetivo ele não viverá o suficiente para presenciar.²⁷

Portanto, de Deus sempre se saberá muito mais o que Ele não é do que aquilo que Ele é. Sempre haverá certa ignorância a respeito da sua livre e soberana ação no mundo, cujo desconhecimento poderá causar perplexidade e acionar a pergunta: where was God? Por isso, de Deus não se terá mais do que uma doura ignorância, conforme Santo Agostinho. Por ser mortal (todo homem está sujeito à lei da morte), nenhum ser humano será capaz de conhecer perfeitamente a realidade criada nem o próprio Criador. Assim, prudente ao homem é manter o equilíbrio entre o que sabe e o que não sabe sobre Deus, e mantê-lo como princípio orientador para a vida.

O Deus que simultaneamente se oculta e se revela

Em Cristo acontece a maior revelação de Deus e, ao mesmo tempo, seu maior ocultamento/ausência. O Deus infinito, absolutamente (ab-soluto – solto, livre de tudo e onipotente) eterno aparece como um de nós. Que tem mãe como nós. Que em tudo é igual a nós, menos no pecado (Hebreus 4.15). Em Cristo há – como brilhantemente descreve C. S. Lewis – “um Mestre de Cerimônias invisível em atividade”.²⁸ Esse “invisibilidade” de Deus só pode ser vencida pela fé.

Jó, depois de demorada discussão com Deus, discussão que às vezes culminava em blasfêmias, acabou humilde e respondeu a Deus:

Eu reconheço que para ti nada é impossível e que nenhum dos teus planos pode ser impedido. Tu me perguntaste como me atrevi a pôr em dúvida a tua sabedoria, visto que eu sou tão ignorante. É que falei de coisas que eu não compreendia, coisas que eram maravilhosas demais para mim e que eu não podia entender. Tu me mandaste escutar o que estavas dizendo e responder às tuas perguntas. Antes eu te conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos. Por isso, estou envergonhado de tudo o que disse e me arrependo, sentado aqui no chão, num monte de cinzas.²⁹

²⁷ Cartas de um diabo a seu aprendiz, p. 75 e 76.

²⁸ Os Quatro Amores, p. 125

²⁹ Livro de Jó 42. 1-6 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

Ao mistério da ausência (oni)presente de Deus (aparente silêncio e ocultamento), portanto, por vezes é preciso responder com humilde e respeitoso silêncio. Não um silêncio vazio que necessita abdicar da razão, do sentido da realidade e da livre produção do conhecimento dentro dos seus limites, mas cheio de confiança porque sabe que nada pode separar o justo do amor e do cuidado de Deus, conforme palavra paulina:

Em todas essas coisas (tribulação, angústia, fome, perigo, espada, perseguição...), somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separa-nos do amor de Deus.³⁰

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO “A devastação de Roma (De urbis excidio)” in Lauand, João Sérgio (org.) *Temas e Figuras do Pensamento Medieval* São Paulo, CemorocFeusp, 2009, pp. 19-24.

BÍBLIA Sagrada. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, Ed. 2006.

BÍBLIA Sagrada. *Tradução da Vulgata – Pe. Matos Soares*. Ed. Paulinas, 1982.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

LEONEL, João. *Perguntas sem respostas?* São Paulo: Editora Reflexão, 2009.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *O Cristão Secularizado*. São Paulo: Ed. Vozes, 1970.

LEWIS, C. S. “Os quatro amores”. 2ª Ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

LEWIS, C. S. “Cartas de um diabo a seu aprendiz” – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

³⁰ Carta de Paulo aos Romanos 8.37-39 – Tradução da Vulgata. Edições Paulinas, 1982.

Beatriz Balzi, pianista e educadora, na imprensa escrita brasileira

Miwa Hirose³¹
Chie Hirose³²

Resumo: No vigésimo aniversário da morte de Beatriz Balzi (1936-2001), as autoras – Miwa foi discípula da notável pianista – selecionam e comentam notícias sobre sua carreira nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e algumas outras fontes.

Palavras Chave: Beatriz Balzi. carreira de Balzi. Balzi na imprensa brasileira.

Abstract: In the 20th anniversary of the death of Beatriz Balzi (1936-2001), the authors – Miwa was a disciple of the outstanding pianist – selects and comments news about Balzi's career, from newspaper archives of Biblioteca Nacional and some other sources.

Keywords: Beatriz Balzi. Balzi's career. news about Beatriz Balzi.

A carreira de Beatriz Balzi registrada na imprensa brasileira

Neste artigo, selecionaremos notícias sobre a pianista Beatriz Balzi, sobretudo do banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviada por BN), que possibilita a consulta *on-line* de milhares de periódicos brasileiros. Naturalmente, trata-se de uma amostra mínima – e sempre insuficiente – da vida e atuação de Beatriz em nosso meio artístico. Pretendemos com este breve artigo prestar uma homenagem à Mestra e revisitar as memórias dos 15 anos em que tive [**sempre a primeira pessoa do verbo é da autora Miwa Hirose**] o privilégio de ser sua aluna (e mais: discípula!), desde meus quinze anos de idade e ao longo de toda a graduação em piano na UNESP, até a interrupção – estimulada pela própria Beatriz – que me levou aos Estados Unidos, para fazer meu mestrado no *San Francisco Conservatory of Music* – California. Ao regressar, retomei meus estudos com a Mestra.

A pianista Beatriz Balzi é referência incontornável na música erudita latino-americana. Para um resumo de seus dados bio-bibliográficos, transcrevemos o texto do “Fundo Beatriz Balzi” do CIDDIC – Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural da Unicamp.

³¹. Tem mestrado pelo *San Francisco Conservatory of Music* – California. Fundadora e Diretora do SHP - Studio Hirose Pianoforte - <https://www.studiopianoforte.com/>. miwa.hirose@hotmail.com

³². Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós Doutorado nessa mesma Faculdade. Professora alfabetizadora da Prefeitura de São Paulo.



Beatriz Balzi nasceu em Buenos Aires (Argentina) em 1936. Especializada na música contemporânea latino-americana, destacou-se por sua participação como professora, musicóloga e pianista. Morando no Brasil desde 1960, quando sua família decidiu se mudar da Argentina, a sua carreira como docente ocorreu sobretudo junto à Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde ingressou em 1976. Naturalizou-se brasileira em 1982. Teve, ao longo de toda a sua vida, um grande intercâmbio com a produção musical contemporânea de seu país de origem e de sua nova nação, sendo umas das principais intérpretes de jovens e consagrados compositores contemporâneos dos dois países. A partir daí, começou a se interessar também pela produção musical de outros países latino-americanos, o que a levou à idealização da série intitulada “Compositores Latino-americanos”, projetada para conter ao menos uma composição de cada país da América Latina. Beatriz chegou a gravar obras de treze países em sete álbuns, sendo surpreendida por um câncer quando da organização do oitavo número da série. Beatriz morreu em São Paulo em 2001.
(<https://www.cididic.unicamp.br/cididic/fundo-beatriz-balzi/>)

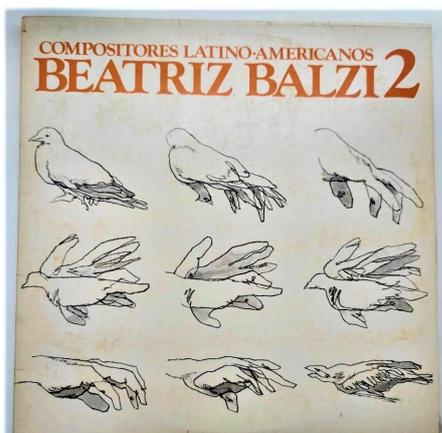
Eu cursei a faculdade bem no período em que Beatriz já se programava para se aposentar, pois ela tinha um desejo muito grande de se dedicar plenamente a concluir seu projeto de gravações de compositores latino-americanos. Acompanhei de perto esse período de 1991 a 1994, pois os nossos encontros como mestre e discípula aconteciam duas vezes por semana (uma como parte da disciplina de instrumento da faculdade; outra como aula particular que continuei seguindo, mesmo sendo aluna do curso de Piano).

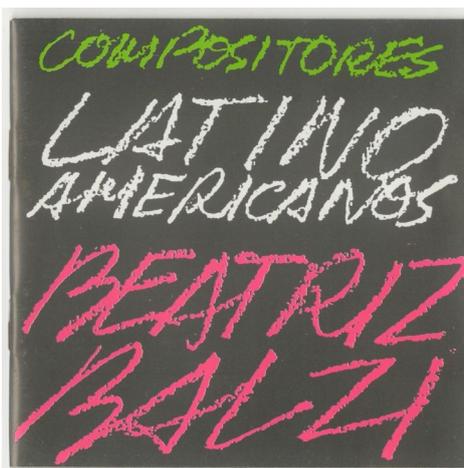
Foram anos de intensa convivência. Muitas dessas aulas prolongavam-se em saborosas e intermináveis conversas e, quando percebíamos o horário avançado, corríamos para ver o ensaio das peças que eu deveria estudar para a próxima aula. Por isso, os nossos encontros extrapolavam a uma hora prevista: era a discípula que pela admiração, quase sem reparar, buscava a identificação com a mestra: um maravilhamento que apontava para um ideal concreto: o modelo que para mim se tornou Beatriz Balzi. Além, do enriquecimento pessoal nesse convívio com um ser humano da estatura de Beatriz, houve também um notável aperfeiçoamento técnico pianístico: foi nessa época que comecei a ouvir de pessoas qualificadas que meu toque e meu timbre assemelhavam-se ao da mestra. Até o ponto que a fina sensibilidade de

José Luiz da Silva – o célebre afinador de pianos de São Paulo –, percebeu que nossos instrumentos (o da Beatriz e o meu) tornavam-se – ao longo do tempo, pelo modo de usar – muito semelhantes. A pedra de toque desse aperfeiçoamento do domínio específico da técnica balziana está na aquisição da musculatura da mão. Uma satisfação que só essa técnica proporciona é a de constatar que minhas mãos acabaram se tornando “luvas de beisebol”, tal como as de nossa mestra.

Lembro-me da tomada de decisão de Beatriz em fazer a pesquisa, tão incentivada pelos colegas acadêmicos, mas pelo qual ela não se interessara até então, pois preferia dedicar seu tempo a tocar do que a sentar e escrever. Foi impressionante a competência e a genialidade com que preparou seu trabalho sobre o compositor e seu mestre, a quem tanto admirava: Alberto Ginastera (“O elemento nacional na obra para o piano de Alberto Ginastera”, 1993). A apresentação incluía, naturalmente, a execução de peças do compositor estudado, como ilustrações. Foi uma sessão inesquecível, acompanhada de sua própria performance no piano.

A convivência naquele período me fez compreender a importância que a Beatriz deu a seu projeto de divulgação dos compositores latino-americanos. Repetidas vezes disse-me que estava com todo o repertório pronto para gravar os 10 CDs e que precisava de tempo, mais tempo, para se dedicar a isso, pois escolhera as peças com muito cuidado e muito carinho. Ainda me lembro da coincidência de situações em que nós duas nos encontrávamos: eu focada em encerrar o meu curso bem para seguir ao exterior e ela concentradíssima para se aposentar da melhor maneira de sua carreira acadêmica. Hoje, passados 25 anos, vejo que foi uma lembrança maravilhosa de juntas encerrarmos a nossa vida na UNESP para seguirmos com os nossos projetos.





Os primeiros 3 discos em LP e – a partir do 4º disco – em formato de CD.

O monumental trabalho de Beatriz “Compositores Latino-americanos” foi objeto da tese de doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP (Departamento de Música) da Profa. Eliana Maria De Almeida Monteiro Da Silva: “Beatriz Balzi e o piano da América Latina: A música erudita deste continente analisada a partir das gravações da pianista na série de CDs Compositores Latino-americanos”.

Essa tese, criteriosa e rica em detalhes, é leitura apaixonante para os admiradores de Beatriz Balzi: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-20052014-154114/publico/ElianaMariadeAlmeidaMonteirodaSilva.pdf>

Na imprensa, além do lançamento da série em 1984, é comentado com destaque o lançamento de seu 3º volume, em 1990 em longa matéria do Estadão:

“A boa e desconhecida música latino-americana”

(Lauro Machado Coelho)

A música erudita latino-americana está sendo resgatada pela gravadora Tacape. Três discos com a pianista Argentina Beatriz Balzi formam um panorama do século 20.

Tão perto de nós e, no entanto, como é precária e dispersa a informação que temos sobre a música dos países latino-americanos. Numa cidade em que existe um pomposo prédio dedicado à integração das culturas continentais, quantas pessoas genuinamente interessadas em música erudita se podem gabar de conhecer, por exemplo, uma das 11 sinfonias do colombiano Uribe Holguín?

Muitas são, de lado a lado, as causas para esse desleixo. Mais importante que as enumerar aqui, no entanto, é assinalar as alternativas para remediar esse desconhecimento.

Uma delas é a série **Compositores Latino-americanos**, três discos do selo independente Tacape, em que a argentina Beatriz Balzi, radicada no Brasil desde 1961, traça um generoso panorama da música para piano composta durante este século no continente. Através das peças que escolheu, esboçam-se tendências comuns aos vários países e levantam-se alguns nomes fundamentais, balizas para o viajante que queira aventurar-se no universo inexplorado da música produzida por nossos vizinhos (...).

“Caderno 2” 18-12- 1990.

A primeira notícia de nossa imprensa sobre Beatriz (acompanhada de uma foto dela tocando piano) vem no Estadão (13-11-1966): “Com um recital de música argentina contemporânea, a pianista Beatriz Balzi encerrou ontem as atividades conjuntas da Casa de Goethe-Juventude de São Paulo”. Já a edição de 24-11-1968, traz elogios rasgados à brilhante atuação de Beatriz no Municipal:

PIANISTA ARGENTINA
Beatriz Balzi, pianista argentina há alguns anos radicada no Brasil, onde aperfeiçoou os estudos com o prof. Kliass, exibiu-se em recital dia 14 deste no Municipal. Na execução de peças de cravistas espanhóis, Leng. Chopin, Liszt, Shostakovitch, Mignone, Lacerda e Ginastera, fez-se aplaudir pela limpidez e fluência da execução, correto jogo de pedais, sonoridade bem trabalhada, virtuosidade desenvolvida e uma expressividade geral de excelente qualidade. Tais predicados técnicos estão a serviço de uma musicalidade profunda e delicada, que sente a música como significação estética e não como simples utilização de um teclado. Apreende bem o caráter expressivo de cada trecho, realiza-o com inegável senso de proporção e o comunica de imediato, graças à convicção que lhe informa a interpretação. Merecido foi o seu êxito perante um público que, embora diminuto, soube reconhecer-lhe os méritos.

Na BN, as primeiras notícias de Beatriz são de de 1969, do *Correio Braziliense*, informando de um seu recital – em 15-09-1969 – na Universidade Federal de Goiás (Conservatório Goiano de Música).

No dia 12-09, o jornal volta a lembrar do Recital de Beatriz: “Vários críticos nacionais e internacionais já escreveram sobre suas apresentações, colocando-a entre as melhores do gênero [piano], atualmente. E na véspera do Recital, o *Correio Braziliense* estende-se em matéria intitulada “Pianista argentina dá recital amanhã na UFG”: “[Beatriz está] despertando o interesse de todo o meio cultural de Goiânia pela cotação artística de que vem precedida”.

O jornal detalha a formação e o histórico musical de Beatriz (uma curiosidade: ela já era professora universitária – na, então, recém-criada Faculdade de Música Sagrado Coração de Jesus), o Programa do Recital, e prossegue:

Beatriz Balzi tem sido festejada pela imprensa nacional e internacional como uma grande pianista. [...] Beatriz Balzi já se apresentou com êxito

em vários centros musicais, especialmente na Argentina e no Brasil. Em 1965, realizou, sob os auspícios do Itamarati, uma gravação na Radio Municipal de Buenos Aires, com obras de autores brasileiros.

O jornal conclui dizendo da participação de Beatriz em programas de TV (TV Paulista) no Brasil e sua recente excursão ao México, na qual realizou 14 concertos.



“Jornal da República”, 21-09-1979

Ao apresentar o currículo da pianista, já professora da UNESP (Instituto de Artes do Planalto), “A Tribuna” (SP, 27-11-1980) destaca:

Beatriz tem gravado obras de compositores latino-americanos na Rádio Nacional de Madrid e Barcelona e para tevês americanas. Segundo o crítico Gilberto Mendes, ela tem uma interpretação modelar, extremamente culta e tecnicamente irrepreensível

Dentre as matérias em que o “Jornal do Brasil” informa sobre apresentações de Beatriz Balzi, destaco a notícia sobre sua atuação no “Programa de Música Erudita da Sala Funarte” (Rio de Janeiro) em 7 de agosto de 1979. Beatriz, sempre inovadora, enfrentou o desafio de executar *Assembly*, de Aylton Escobar, obra para piano e fita magnética, dialogando com a fita gravada pelo próprio Escobar; apresentação que contou “com a vibração latina de Beatriz Balzi, numa versão mais pujante e menos reflexiva do que a concepção que lhe costuma dar Norah de Almeida, outra criativa intérprete desta bela obra.” (JB, 03-08 e 8-8-1979).

De seu amor pelo Brasil e pela música brasileira, fala o *Correio Braziliense* (14-03-1976), comentando a programação de recitais internacionais da artista: “Beatriz Balzi pianista argentina vem dando destaque a obras brasileiras em seus recitais. Em janeiro último ofereceu dois recitais em Madri (...)”

“Entusiasta dos compositores latino-americanos...” (Estadão, 20-05-1981)



Foto Rolando de Freitas

Beatriz Balzi, pianista contemporânea e latino-americana

Em concerto, peças da AL

Como sempre acontece em seus concertos, a pianista **Beatriz Balzi** não se esquece da música latino-americana — Cláudio Santoro ("Intermitências n° 1"), brasileiro; Alberto Villapando (Evoluciones), boliviano; Eduardo Bertola (Las Doradas Manzanas del Sol), argentino —, que convive com grandes nomes europeus — Beethoven ("Variações em Fá Menor"), Chopin ("Sonata em Si") e Manuel de Falla ("Quatro Peças Espanholas"). Compositores e peças que integram o concerto de hoje, às 20h30, no Club Atlético Paulistano (rua Honduras, 1400), com entrada franca. Professoro

ra do Instituto de Artes do Planalto, da Unesp, **Beatriz Balzi** é uma defensora entusiasta dos compositores latino-americanos contemporâneos, embora não dedique seu trabalho exclusivamente à contemporaneidade e, atualmente, prepare o "Concerto n° 3", de Beethoven, para a Sinfônica de Piracicaba. Este ano, junto com o grupo Percussão Agora, **Beatriz** excursionou pela Europa e na Rádio Colônia, na Alemanha, gravou a "Sonata" de Alberto Ginastera, seu antigo professor de composição no Conservatório Nacional de Música e Arte Cênica "Carlos Lopez Buchardo", em Buenos Aires.

Beatriz Lança seu ambicioso projeto "Compositores Latino-americanos" (Estadão, 18-12-1984):

Beatriz Balzi, divulgando os sons latino-americanos

A pianista **Beatriz Balzi** nasceu em Buenos Aires, mas já há algum tempo naturalizou-se brasileira. Depois de ter-se apresentado em vários centros musicais, principalmente na Argentina e no Brasil, realizando um intercâmbio musical entre os dois países, ela lança hoje, às 20 horas, no Instituto de Artes do Planalto (rua Dom Luís Lazagna 400), seu primeiro disco, com obras de compositores latino-americanos, escritas entre 1929 a 1952, de Ponce, Plaza, Lecuona, Eunice Katunda e Ginastera. A noite ainda ficou reservada para um recital, que tem no programa composições de Hayg Boyadjian (*Interlocks I*), Maurice Ravel (*Le Tombeau de Couperin*), Coriun Aharonian (*Y Ahara?*), Graciela Paraskevaldis (*Un lado, otro lado*), Manuel Enriquez (*Hoy de Ayer*) e Eunice Katunda ("Expressão anímica").

Sua preocupação com os compositores latino-americanos começou cedo. "Faz tempo que realizo pesquisas com autores de nosso continente. Sempre tive curiosidade sobre a produção artística desenvolvida nestas paragens. Mostrar para todos que também realizamos, produzimos é o meu objetivo". A escolha dos compositores recaiu sobre o mexicano Ponce ("Quatro Danças Mexicanas"), o venezuelano Juan Plaza (*Sonetina Venezolana*), o uruguaio Eduardo Fa-

bini ("Triste n° 2"), o cubano Ernesto Lecuona ("Três Danças Afro-Cubanas"), a brasileira Eunice Katunda ("Dois Estudos Folclóricos) e o argentino Alberto Ginastera (*3 Piezas*). Para o segundo LP, que **ela** espera gravar no próximo ano, **Beatriz** programou obras de compositores contemporâneos mais recentes, "nele, assim como neste, paisagens de cada lugar, de cada país".

Desde 1977 **Beatriz Balzi** integra o corpo docente do Instituto de Artes do Planalto, da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". A partir de 1974 ela participou dos cursos latino-americanos de música contemporânea que se realizam em cidades brasileiras, como Ouro Preto, onde participou do XII Festival de Inverno, e Ribeirão Preto, onde deu curso de interpretação. Durante oito anos, de 1971 a 1979, ela colaborou, como professora e intérprete, com o compositor e regente Ernst Mahle, na Escola de Música de Piracicaba, tendo executado vários concertos para piano e orquestra. Apesar de ser seu primeiro lançamento fonográfico, **Beatriz** já gravou obras de compositores latino-americanos na Rádio Nacional de Madri, Barcelona, e para as TVs 5 e 7, de Boston, além das rádios France (Paris), Hilversum (Amsterdã) e Colônia (Alemanha).

No artigo é enfatizada sua preocupação, desde cedo, com os compositores latino-americanos, como a própria Beatriz destaca: “Faz tempo que realizo pesquisas com autores de nosso continente. Sempre tive curiosidade sobre a produção artística desenvolvidas nestas paragens. Mostrar para todos que também realizamos, produzimos: é o meu objetivo”.

Já programando o segundo LP, ela comenta que escolheu obras de compositores contemporâneos mais recentes: “nele, assim como neste [LP], paisagens de cada lugar, de cada país.”



Os últimos 3 CDS da série “Compositores Latino-americanos- Beatriz Balzi”.

Em 21-08-1997, A Folha de São Paulo noticia a apresentação de Beatriz no MuBE (Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia) “com obras de compositores latino-americanos”.

Em 13-12-2000, o “Jornal do Brasil” noticia que Beatriz Balzi foi agraciada com o prêmio “Melhores de 2000” pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) na categoria “Instrumentista de Música Erudita”, pelo conjunto de sua obra.

Uma, entre tantas, das homenagens póstumas: no Teatro de Cultura Artística, recital da pianista cubana Martha Marchena, radicada nos Estados Unidos, em homenagem a Beatriz Balzi (Estadão, 16-05-2002):



*A pianista argentina **Beatriz Balzi**, que morreu no ano passado, será homenageada por causa do seu importante trabalho de divulgação da música nova latino-americana*

“Foi aluna de Beatriz Balzi...”: Beatriz professora e promotora de talentos

Na década de 70, Beatriz é notícia em 12 matérias do “Diário do Paraná” (!), cobrindo sua atuação na cidade de Piracicaba, sobretudo na Escola de Música de Piracicaba e na Faculdade de Música Mozarteum (São Paulo). Nesse conjunto, um aspecto importante sobre Beatriz é o de sua humildade e imensa generosidade em apoiar os iniciantes:

V Concurso Jovens instrumentistas – As presenças marcantes (Piracicaba)

Beatriz Balzi tanto trabalhou como pianista acompanhadora dos concorrentes do V Concurso que bem merecia um prêmio especial. Só para o Concurso precisou ler 100 obras. Fora os ensaios com os instrumentistas. Atuando como artista convidada do V Festival, aumentou a sua responsabilidade.

[o jornal conclui com outra constante na carreira de Beatriz: os prêmios que seus alunos conquistavam]

Sua aluna Mika Sunago obteve o 1º. Prêmio de Piano do 1º. Ciclo.
(22-07-1979)

Pela quantidade de matérias no “Diário do Paraná” percebe-se a intensa parceria dela com a Escola de Música de Piracicaba. Por muitos anos, Beatriz fez questão de participar e colaborar com o importante evento do Concurso, tão importante para educação musical da região e além. Uma afinada logística era elaborada pelos organizadores para propiciar dias de intercâmbio dos jovens músicos candidatos que chegavam à cidade. As famílias dos alunos do Conservatório até nos hospedavam (os alunos da Beatriz éramos reverenciados, por conta do prestígio da Mestra...) em suas próprias casas, para que pudéssemos nos dedicar ao evento.

Piracicaba possuía uma Orquestra de jovens instrumentistas e a troca de experiências dos pianistas nesse ambiente musical era riquíssima para a formação integral como instrumentista. Hoje, com meus tantos anos no ensino de piano, vou sempre confirmando a importância destes ambientes para os jovens musicistas paulistanos. E vejo que a insistência da Beatriz em viajar, levando seus alunos para Piracicaba, e dedicar aos jovens daquela cidade, é testemunha eloquente do lado educadora de Beatriz Balzi.

Diga-se de passagem que, como tantos alunos de Beatriz, a pequena Mika que, com 9 anos, ganhou o 1º. prêmio do Concurso de Piracicaba (“Diário do Paraná” 24-07-1977), viria a ter brilhante carreira internacional, apresentando-se para públicos de todo o mundo. Os CDs lançados por Mika (para focarmos em um caso exemplar) como: "Between the Tropics" (coleção de música solo de piano latino-americana), "Café 1930" (Piazzolla Tangos) ou “Bragatissimo - tango nuevo” foram apresentados em várias revistas de música e jornais da Ásia e da América do Sul, assim como suas apresentações e entrevistas sobre música latino-americana foram transmitidas em programas de rádio e TV nos Estados Unidos, Japão, Áustria, Argentina e Brasil. Como brasileira residente nos Estados Unidos, Mika demonstrou um interesse especial em apresentar a música clássica latina ao público internacional, seguindo o amor e o empenho de sua mestra e dando muito orgulho a ela. (cf. www.erinfurbee.com/mika-sunago.html; <http://www.northpacificmusic.com/NPM.LD.028.html>).

Beatriz, professora, com imensa dedicação e “olho clínico” não simplesmente dava aulas de piano, lapidava joias em suas aulas: muitos de seus alunos têm contribuído para a cultura musical no Brasil e em todo o mundo.

O mesmo “Diário do Paraná” informa em “Os Concursos de Música do Estado de Goiás” (01-09-1979) que Marilena de Stefano, “aluna da Profa. Beatriz Balzi, participou de muitos concursos, dos quais três lhe deram o 1º. lugar”. E na edição de 17-10-1979, ao comentar um recital seu no MASP, destaca no curriculum: “muitos de seus alunos se distinguiram em concursos de piano”.

Marilena de Stefano (outro caso que destacamos), muito estimada e admirada pelos alunos da Beatriz, também terá sua carreira própria e quatro anos depois, “A Tribuna” (28-08-1983) noticia amplamente uma apresentação dela com a mestra, a quatro mãos. E na edição de 02-10-1983, dedicada a outra apresentação de ambas no XIX Festival Música Nova de Santos:

Um dos pontos altos do Festival foi a sensacional interpretação de Petrouschka, de Stravinsky, a 4 mãos por Beatriz Balzi e Marilena De Stefano, que mereceu o elogio autorizado de outro duo presente ao Festival, Bruce Mather e Pierrette LePage.

Em 2005, Beatriz já falecida, o MuBE (Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia), quis reviver a peça Petrouschka a quatro mãos e as alunas Raquel Scherk e Miwa Hirose – encarregadas da execução – pedimos à nossa querida Lia (Velia Balzi), irmã de Beatriz, a partitura que a Mestra utilizara para essa obra, para configurar uma homenagem completa à sua memória, com o fraterno estímulo de Marilena De Stefano, presente à sessão. Desde então (e até hoje), Raquel e eu, estabelecemos um duo e uma profunda parceria, fundada em nossa comunhão com a técnica e a pessoa da Mestra.



Raquel Scherk, Lia Balzi e Miwa Hirose em recital em homenagem a Beatriz Balzi, no 15º. Aniversário de seu falecimento



Miwa e Raquel

O “Jornal do Commercio” (08-09-1984), diz da talentosa pianista Cristina Cruz: “tem a seu favor o fato de haver estudado com grandes mestres. Miguel Proença e Beatriz Balzi foram seus últimos professores”. O “Diário do Pará” (02-06-1987) destaca na biografia de Débora Halász, pianista de prestígio internacional: “estudou piano com Beatriz Balzi”

Quando eu revejo o período – entre meus 15 e 30 anos – no qual convivi com Beatriz, principalmente nos anos em que pude ter mais tempo com ela (duas vezes por semana: com aulas particulares e também na Faculdade) e que seria o início da minha carreira como professora e como pianista, percebo a importância da influência dessa grande mestra. A nossa convivência e a consolidação da técnica de piano que herdei dela, ainda são os fundamentos decisivos de minha atuação como pianista profissional e professora. Pois, nesse período, eu já tinha os meus alunos particulares e levava algumas questões pedagógicas para a mestra, além de receber sugestões de peças de música que eu, livremente tomava emprestado do riquíssimo acervo que ela tinha em sua casa, com muitas partituras difíceis de encontrar no país (e fora), especialmente as de compositores contemporâneos latino-americanos. Sem falar no decisivo impulso que me deu para o ingresso no mestrado do “San Francisco Conservatory of Music” (<https://www.studiopianoforte.com/page5.html>).

Ela me acompanhou de perto em meu processo de maturidade para o ensino de piano, e me deu a segurança nos primeiros passos no papel de professora de piano, e mais para frente, como docente de curso de Música em ensino superior.

Irene Gottberg, sua primeira aluna da Unesp – e que permaneceu aluna da mestra até o fim, movida pela admiração e pelo desejo de conviver com Beatriz – fundou a “Allegro Escola de Música” e tem notável atuação como professora e formadora no polo cultural do Oeste paulistano. Com o falecimento precoce de Beatriz Balzi, é ela sempre me apoia – como *prima inter pares* dos discípulos – nas audições de meus alunos.

Concluimos este artigo, lembrando – como tudo neste artigo – com imensa saudade um recanto de sua casa: o “mural de Beatriz”. No corredor em que os alunos esperávamos a nossa vez de aula, Beatriz mantinha um mural com um *clipping* de música (e arte em geral) da imprensa, que líamos avidamente (naquela época sem internet era um espaço ainda mais precioso de informação e atualização). Esse Mural era um dos tantos aspectos da alma da educadora de Beatriz, sempre abrindo horizontes para seus alunos.

Lembro-me, por exemplo, em 1992, na semana do falecimento de Astor Piazzola, o mural ficou totalmente dedicado a ele, com recortes procedentes de uma incrível quantidade de jornais e revistas que Beatriz disponibilizava para nós.

E assim, quase sem repararmos, finalizo este estudo dando-me conta que – também ele – é como aquele “Mural da Beatriz”, só que desta vez é ela a homenageada.